



**Análise e diagnóstico do espaço expositivo “Sala dos Gessos” e da sua coleção de modelos em gesso à escala natural do Museu Militar de Lisboa**

**Paulo José Loureiro Calado**

**Relatório de Estágio de Mestrado em Museologia**

**2021**



**Análise e diagnóstico do espaço expositivo “Sala dos Gessos” e da sua coleção de modelos em gesso à escala natural do Museu Militar de Lisboa**

**Relatório de Estágio de Mestrado em Museologia**

**Paulo José Loureiro Calado**

**Orientação de: Professora Doutora Ângela Ferraz**

**Co-Orientação de: Mestre Alexandre de Jesus Fernandes  
Carvalho**

**2021**

Análise e diagnóstico do espaço expositivo “Sala dos Gessos” e da sua coleção de modelos em gesso à escala natural do Museu Militar de Lisboa

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos à obtenção do grau de Mestre em Museologia realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Ângela Ferraz, com Coorientação do Mestre Alexandre de Jesus Fernandes Carvalho.

## AGRADECIMENTOS

À minha mulher, Paula e aos meus filhos, Diogo e Mariana, pelo apoio e compreensão.

À minha orientadora, Professora Ângela Ferraz e ao meu coorientador Major Alexandre de Jesus Fernandes Carvalho, pelo conhecimento partilhado e pelo incansável apoio.

Um agradecimento especial à Dra. Sofia Godinho pelo apoio prestado na revisão dos textos.

Ao Diretor do MML, Coronel de Cavalaria Francisco Amado Rodrigues, e a todos os funcionários do Museu, pelo acolhimento caloroso, que me fez sentir mais um membro da família MML.

Ao Exército Português, pela oportunidade da realização deste mestrado e, em especial, à Direção de História e Cultura Militar, pela disponibilidade, incentivo e apoio prestados.

*“A coleção do museu sempre teve de ser definida em relação à documentação que a acompanha e pelo trabalho que resultou dela, para ter a sua relevância reconhecida.”*

Désvalles e Mairesse, 2013

## **RESUMO**

O presente relatório desenvolve-se em torno da análise e diagnóstico do espaço expositivo designado por “Sala dos Gessos” e da sua coleção de doze modelos em gesso à escala natural, do Museu Militar de Lisboa.

O espaço onde estes modelos estão expostos, foi originalmente uma estrutura em madeira, construída em 1771, no recinto das oficinas da Fundição de Cima, que deu origem ao laboratório onde trabalhou o escultor Machado de Castro e a sua equipa de modeladores e moldadores, na criação da estátua Equestre de D. José I que se encontra na Praça do Comércio, em Lisboa.

Esta sala e esta coleção têm tido pouca visibilidade externa, havendo muito pouca informação e quase nenhuma bibliografia publicada sobre este tema. Por outro lado, não tem havido uma intervenção museológica sistemática que assegure a correta preservação e divulgação deste património.

Como tal, o objetivo central deste trabalho foi, dar resposta à necessidade apresentada pelo Museu em obter informação concreta sobre o estado em que se encontra o espaço e a referida coleção, como ponto de partida para a definição de estratégias de atuação. Foi realizado um diagnóstico ao estado de conservação do edifício e à gestão da coleção no que diz respeito à sua inventariação, conservação, interpretação e exposição. Considerando que o inventário constitui uma etapa basilar do trabalho museológico e que a coleção de modelos de gesso não se encontrava inventariada, foi apresentada uma proposta nesse sentido, bem como, para a melhoria dos procedimentos e práticas na gestão documental do Museu concorrendo para uma uniformização desses procedimentos a aplicar a todo do seu acervo.

Por último, apontaram-se perspetivas de atuação para resolução dos problemas identificados de forma a tornar a preservação e divulgação da “Sala dos Gessos” e da sua coleção uma meta exequível.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Museu, Património, Conservação, Inventariação, Estátuas, Gessos.

## **ABSTRACT**

The presente report revolves around the analysis and diagnosis of the exhibition space designated as “Sala dos Gessos” and its collection of twelve natural-scale plaster models from the Lisboa Military Museum.

The space where these models are displayed was originally a wooden structure, built in 1771, in the premises of the Fundação de Cima workshops, which gave rise to the laboratory where the sculptor Machado de Castro and his team of modelers and molders worked in the creation of the Equestrian statue of D. José I which can be found in Praça do Comércio, in Lisbon.

This room and this collection have had little external visibility, with very little bibliography on this topic. On the other hand, there has been no systematic museological intervention to ensure the correct preservation and divulgation of this heritage.

As such, the main objective of this work is to respond to the need presented by the Museum to obtain concrete information about the state of the space and the aforementioned collection, as a starting point for defining acting strategies. A diagnosis of the state of conservation of the building and the management of the collection was carried out regarding its inventory, conservation, interpretation and exhibition.

Considering that the inventory is a basic stage of museological work and the collection of plaster models was not inventoried, a proposal was presented in this regard, as well as for the improvement of procedures and practices in the Museum's document management, contributing to standardization of these procedures to be applied to all of its collections.

Finally, perspectives were pointed out for action to solve the problems identified in order to make the preservation and divulgation of the “Sala dos Gessos” and its collection an achievable goal.

## **KEYWORDS:**

Museum, Patrimony, Conservation, Inventariation, Statues, Plaster.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

MML – Museu Militar de Lisboa

CEP – Corpo Expedicionário Português

DHCM – Direção de História e Cultura Militar

VCEME – Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército

CEME - Chefe do Estado-Maior do Exército

UNAPEME – Unidade de Apoio do Estado-Maior do Exército

IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural

GEAM – Gabinete de Estudos de Arqueologia Militar

DIE – Direção de Infraestruturas do Exército

SASO - Secção de Administração e Segurança de Obras

SMATI – Serviço de Material de Instrução

NGMCVE – Normas Gerais dos Museus e Coleções Visitáveis do Exército

DAA – Direção da Arma de Artilharia

RPM – Rede Portuguesa de Museus



## ÍNDICE GERAL

|                                                                                                          |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO.....                                                                                          | 1  |
| 1. MUSEU MILITAR DE LISBOA –CARATERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO MUSEAL.....                                     | 3  |
| 1.1. Génese e antecedentes do Museu Militar .....                                                        | 3  |
| 1.2. Localização e envolvente .....                                                                      | 6  |
| 1.3. A Missão.....                                                                                       | 7  |
| 1.3.1 Estrutura Orgânica do Museu.....                                                                   | 7  |
| 1.4. O acervo.....                                                                                       | 9  |
| 2. CARATERIZAÇÃO DA SALA DOS GESSOS E DA COLEÇÃO .....                                                   | 11 |
| 2.1. Antecedentes do edifício .....                                                                      | 11 |
| 2.2. Caracterização do edifício .....                                                                    | 13 |
| 2.3. Caraterização da coleção .....                                                                      | 15 |
| 3. A SALA DOS GESSOS: DIAGNÓSTICO AO ESPAÇO E À GESTÃO DA COLEÇÃO .....                                  | 23 |
| 3.1. Estado de conservação do edifício.....                                                              | 23 |
| 3.2. Acessibilidades .....                                                                               | 27 |
| 3.3. Documentação e inventário .....                                                                     | 27 |
| 3.3.1. Caracterização e historial de procedimentos e instrumentos documentais.....                       | 27 |
| 3.3.2. Análise à inventariação da coleção de gessos .....                                                | 30 |
| 3.4. Conservação .....                                                                                   | 31 |
| 3.4.1. Estado de conservação.....                                                                        | 32 |
| 3.4.2. Avaliação de riscos para a coleção .....                                                          | 34 |
| 3.5. Interpretação e exposição .....                                                                     | 37 |
| 4. APRESENTAÇÃO DE PROPOSTAS.....                                                                        | 40 |
| 4.1. Contributos para a normalização dos critérios de inventariação da coleção de modelos em gesso ..... | 40 |
| 4.1.1. O inventário e a documentação segundo a Lei-Quadro dos Museus Portugueses.....                    | 40 |
| 4.1.2. Proposta de procedimentos de inventariação .....                                                  | 42 |
| 4.1.2.1. Cabeçalho .....                                                                                 | 42 |
| 4.1.2.2. Informações Específicas .....                                                                   | 44 |
| 4.2. Proposta de atuação para resolução das carências e dos problemas identificados .....                | 48 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                                               | 52 |
| BIBLIOGRAFIA .....                                                                                       | 55 |
| APÊNDICE I -Medições de temperatura e humidade da sala.....                                              | 61 |

|                                                                                  |    |
|----------------------------------------------------------------------------------|----|
| APÊNDICE II – Disposição dos modelos na Sala .....                               | 63 |
| APENDICE III – Proposta de Ficha de Inventário.....                              | 64 |
| ANEXO I - Plantas do edifício.....                                               | 70 |
| ANEXO II – Desenhos de Eugénio dos Santos para o estudo da Estátua Equestre..... | 71 |
| ANEXO III- Registo fotográfico das patologias das peças.....                     | 73 |
| ANEXO IV – Livro de registos nº 2 de 1884.....                                   | 79 |

## ÍNDICE DE FIGURAS

|                                                                                    |    |
|------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1- Localização do MML.....                                                  | 6  |
| Figura 2- Organograma da estrutura do Exército .....                               | 7  |
| Figura 3- Organograma do MML.....                                                  | 8  |
| Figura 4- Localização do edifício da Sala dos Gessos .....                         | 13 |
| Figura 5- Planta da Fundação de Cima de 1811.....                                  | 14 |
| Figura 6- Sala dos Gessos.....                                                     | 14 |
| Figura 7- Edifício da Sala dos Gessos .....                                        | 14 |
| Figura 8- Tecto e paredes da sala .....                                            | 25 |
| Figura 9- Folha de registo da estátua de Afonso de Albuquerque .....               | 30 |
| Figura 10- Placas informativas da restauração do modelo da estátua de D. José..... | 31 |
| Figura 11- Placa identificativa da Estátua do Marquês de Sá da Bandeira .....      | 39 |
| Figura 12 - Planta do Rés-do-chão da Sala dos Gessos.....                          | 70 |
| Figura 13 - Planta do 1º andar da Sala dos Gessos.....                             | 70 |
| Figura 14 - Estampa I .....                                                        | 71 |
| Figura 15 - Estampa II.....                                                        | 71 |
| Figura 16 - Estampa III.....                                                       | 72 |
| Figura 17 - Estampa IV .....                                                       | 72 |
| Figura 18 - Estátua de José Estevão de Magalhães .....                             | 73 |
| Figura 19 - Pormenor da base I (José Estevão de Magalhães) .....                   | 73 |
| Figura 20 - Pormenor da base II (José Estevão de Magalhães).....                   | 73 |
| Figura 21- Estátua do Génio da Vitória.....                                        | 73 |
| Figura 22 - Pormenor do pescoço (Génio da Vitória) .....                           | 73 |
| Figura 23 - Pormenor do manto (Génio da Vitória) .....                             | 73 |
| Figura 24 - Pormenor da parte traseira (Génio da Vitória).....                     | 73 |
| Figura 25 - Pormenor da base (Génio da Vitória) .....                              | 73 |
| Figura 26 - Estátua do Bispo Alves Martins.....                                    | 74 |
| Figura 27 - Pormenor da base (Bispo Alves Martins).....                            | 74 |

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 28 - Pormenor da perna (Bispo Alves Martins) .....               | 74 |
| Figura 29 - Estátua do Dr. Sousa Martins .....                          | 74 |
| Figura 30 - Pormenor do manto e da base (Dr. Sousa Martins) .....       | 74 |
| Figura 31 - Pormenor do manto (Dr. Sousa Martins).....                  | 74 |
| Figura 32 - Pormenor do manto (fungos) (Dr. Sousa Martins) .....        | 74 |
| Figura 33 - Pormenor da mão (Dr. Sousa Martins) .....                   | 74 |
| Figura 34 - Pormenor do pé e da base (Dr. Sousa Martins) .....          | 74 |
| Figura 35 - Estátua de Afonso de Albuquerque .....                      | 75 |
| Figura 36 - Pormenor do pé e da base (Afonso de Albuquerque) .....      | 75 |
| Figura 37 - Pormenor da base (Afonso de Albuquerque).....               | 75 |
| Figura 38 - Pormenor da base (fungos) (Afonso de Albuquerque) .....     | 75 |
| Figura 39 - Pormenor do braço (Afonso de Albuquerque).....              | 75 |
| Figura 40 - Pormenor das armas (Afonso de Albuquerque).....             | 75 |
| Figura 41 - Estátua de Joaquim Augusto de Aguiar.....                   | 76 |
| Figura 42 - Pormenor da base (Joaquim A. de Aguiar).....                | 76 |
| Figura 43 - Pormenor do casaco (fungos) (Joaquim A. de Aguiar) .....    | 76 |
| Figura 44 - Pormenor da mão I (António A. de Aguiar) .....              | 76 |
| Figura 45 - Pormenor da mão II (António A. Aguiar).....                 | 76 |
| Figura 46 - Pormenor da perna (António A. de Aguiar) .....              | 76 |
| Figura 47 - Estátua do Génio da Independência.....                      | 77 |
| Figura 48 - Pormenor da perna (Génio da Independência) .....            | 77 |
| Figura 49 - Pormenor da base I (Génio da Independência).....            | 77 |
| Figura 50 - Pormenor da base II (Génio da Independência).....           | 77 |
| Figura 51 - Pormenor da parte traseira I (Génio da Independência) ..... | 77 |
| Figura 52 - Pormenor da parte traseira II (Génio da Independência)..... | 77 |
| Figura 53 - Estátua da Figura da Vitória .....                          | 78 |
| Figura 54 - Pormenor do braço I (Figura da Vitória) .....               | 78 |
| Figura 55 - Pormenor do braço II (Figura da Vitória).....               | 78 |
| Figura 56 - Pormenor da base (Figura da Vitória).....                   | 78 |
| Figura 57- Estátua de Manuel Fernandes Tomás .....                      | 78 |
| Figura 58- Pormenor da parte de trás do casaco (Manuel F. Tomás).....   | 78 |
| Figura 59 - Livro de registos de 1884.....                              | 79 |
| Figura 60 - Folha de registo da estátua do Duque da Terceira .....      | 79 |

|                                                                                                     |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 61 - Imagem da coluna "designação" da folha de registo da estátua do Duque da Terceira.....  | 79 |
| Figura 62 - Imagem da coluna "observações" da folha de registo da estátua do Duque da Terceira..... | 79 |

## **ÍNDICE DE TABELAS**

|                                                                                   |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 – Quadro resumo dos efetivos do MML.....                                 | 8  |
| Tabela 2 – Peças que integram a coleção de modelos em gesso à escala natural..... | 15 |
| Tabela 3 – Estado de conservação das peças.....                                   | 32 |

## INTRODUÇÃO

A escolha pelo estágio com relatório, no âmbito da componente não letiva do Mestrado em Museologia, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, resultou do ensejo não só de completar o ciclo de aprendizagens adquiridas na componente letiva, como de conciliar a teoria com o saber intrínseco à experiência. O contacto com o saber fazer e a experiência de um museu com a envergadura do Museu Militar de Lisboa (MML), afigurou-se como uma excelente oportunidade para conhecer o trabalho desenvolvido diariamente naquela instituição, bem como, o seu funcionamento interno, contribuindo de maneira significativa para a conclusão deste ciclo de estudos.

O MML, para além de abrir portas àqueles que pretendem estudar as suas coleções, mostrou-se disponível a acolher o presente estágio, cujo objeto de estudo é a Sala dos Gessos e a sua coleção de modelos.

A coleção é composta por doze modelos em gesso à escala natural, dos quais se destaca o modelo da Estátua Equestre de D. José I, da autoria do escultor Machado de Castro. Esta coleção nunca foi estudada de forma abrangente, não está inventariada e está em exposição num edifício localizado fora das instalações do Museu Militar de Lisboa que apresenta vários problemas estruturais.

O propósito deste estágio resultou da necessidade apresentada pelo Museu, em obter informação concreta sobre o estado em que se encontra o espaço e a referida coleção.

Esse diagnóstico constituiu, efetivamente, o primeiro objetivo deste trabalho, de modo a que, com base nele, fosse possível a apresentação de propostas de atuação. Para além de contribuírem para uma melhoria das condições, tanto do espaço como da coleção, irão permitir a tomada de decisões estratégicas por parte da Direção do Museu na resolução dos problemas encontrados.

Sabendo à partida que a coleção de modelos em gesso não se encontrava inventariada, foi também um objetivo deste estágio resolver, esta lacuna e contribuir para uma normalização do processo de inventariação da coleção, e para a melhoria dos procedimentos e práticas na gestão documental do Museu.

Em termos metodológicos, a investigação foi realizada tendo por base visitas à sala objeto de diagnóstico, para análise visual do estado do espaço e das peças constituintes da exposição.

Além da investigação bibliográfica na biblioteca do Museu, que incidiu particularmente na pesquisa dos seus catálogos em conjugação com alguns trabalhos desenvolvidos sobre o Museu Militar, procedeu-se ainda à pesquisa bibliográfica na sua maior parte de trabalhos

de investigação que incidem essencialmente nas questões relacionadas com a conservação e inventariação de peças museológicas em gesso, a par de outra bibliografia que complementou a informação e que serviu de suporte a este estudo.

A estrutura do presente relatório procurou obedecer sobretudo a uma lógica de inteligibilidade relativamente à contextualização e apresentação da investigação.

Deste modo, dividiu-se o relatório em quatro capítulos.

No primeiro capítulo é feita uma breve caracterização da instituição, da sua envolvente, da missão e do seu acervo através da análise da documentação relativa à sua génese e antecedentes, utilizando a bibliografia existente sobre esta temática.

No segundo capítulo apresenta-se uma breve resenha histórica e caracterização do edifício onde se localiza a Sala dos Gessos, a caracterização e composição da coleção, expondo-se a razão desta se encontrar à responsabilidade do Museu Militar.

O terceiro capítulo apresenta o diagnóstico realizado ao espaço e à gestão da coleção. Relativamente ao edifício avalia-se o seu estado de conservação e quais os problemas, constrangimentos e dificuldades identificadas. Quanto à gestão da coleção, apresenta-se o diagnóstico ao sistema de documentação e inventariação do Museu Militar, através da caracterização e historial de procedimentos e instrumentos documentais, bem como a análise do trabalho de inventariação da coleção da Sala dos Gessos, o diagnóstico ao seu estado de conservação e uma avaliação dos riscos a que poderá estar sujeita. Por último analisam-se a interpretação e a exposição da coleção.

O quarto e último capítulo incide nas propostas de resolução dos problemas identificados. Desde logo, apresenta-se o contributo para o inventário com a normalização dos critérios de inventariação da coleção em estudo. Igualmente, são apresentadas sugestões para possíveis ações que poderão ser desenvolvidas pelo Museu, esperando assim, que este estágio se materialize numa melhoria concreta das condições da Sala dos Gessos e da sua coleção.

## **1. MUSEU MILITAR DE LISBOA –CARATERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO MUSEAL**

### **1.1. Génese e antecedentes do Museu Militar**

Para se poder falar na origem do Museu Militar de Lisboa tem de se recuar até ao reinado de D. Manuel I e abordar a construção de várias edificações no exterior da muralha Fernandina, designadas por Tercenas<sup>1</sup> das Portas da Cruz.

Estes edifícios das Tercenas destinaram-se a armazenar o material de guerra e teriam oficinas para a fabricação de pólvora. As oficinas para a fundição de artilharia localizavam-se no piso térreo das edificações.

No ano de 1726 no reinado de D. João V (1689-1750), um violento incêndio causado por uma explosão, destruiu praticamente os armazéns e oficinas, tendo o monarca ordenado de imediato a construção no mesmo local de um edifício para o estabelecimento dos novos armazéns da Tenência e oficina de espingardeiros, a que foi dada a designação de Fundição de Baixo.

Estavam praticamente concluídas as obras de reedificação (que pararam devido à morte de D. João V em 1750), quando na manhã de 1 de novembro de 1755 o edifício foi praticamente arrasado pelo grande sismo, tendo apenas ficado da construção anterior o corpo central do edifício que integrava o pórtico da entrada principal. A construção do remanescente do edificado só foi iniciada em 1760, sob a direção do engenheiro Manuel Gomes de Carvalho e Silva. Sobre este período Maria Teresa Correia refere o seguinte:

*Será nesta etapa de reconstrução que vamos contar com o concurso de Carlos Mardel na decoração do seu portal, com algumas mutações no projecto inicial. Desenharia os "trofeus de armas" à moda antiga, semelhantes aos que se encontram nos edifícios da Praça do Comércio.<sup>2</sup>*

Por determinação do Conde de Lippe, através de alvará de 24 de março de 1764, a Tenência passa a denominar-se por Real Arsenal do Exército. Nesta data o edifício começa a ser restaurado, sendo composto na altura, por um piso térreo e um 1º andar com cinco "salas de armas" com saída para um pátio a leste (atual Pátio dos Canhões).

---

<sup>1</sup> “Tercena”, termo de origem árabe, correspondendo a um pequeno estaleiro naval (pequena oficina nas margens de um rio); [www.priberam.pt/dlpo/tercena](http://www.priberam.pt/dlpo/tercena) (consultado em 18 de novembro de 2020).

<sup>2</sup> CORREIA, Maria Teresa. A génese de um museu: do Arsenal Real do Exército ao Museu de Artilharia. Dissertação de Mestrado em Museologia e Património da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: texto policopiado. 2002, p. 115.

Com o Tenente-General José Batista da Silva Lopes (1784-1857), Barão de Monte Pedral e Inspetor do Arsenal do Exército, surge no ano de 1842, a intenção de criar um museu, alicerçada num projeto de salvaguarda do património móvel do Arsenal do Exército<sup>3</sup>. O Barão de Monte Pedral desempenharia um papel fundamental na constituição do Museu, tal como refere Joana Baião:

*Foi sob a gestão do Barão de Monte Pedral que se tomaram, então, as primeiras medidas de protecção e conservação dos testemunhos artísticos, industriais e militares produzidos no Arsenal, pois para além de organizar um espaço para as colecções, o barão ordenou a produção de um inventário dos objectos que seriam remetidos para o museu.*<sup>4</sup>

A criação oficial do Museu surge em 10 de Dezembro de 1851<sup>5</sup> por Decreto Real de D. Maria II, no Arsenal Real do Exército, com o nome de Museu de Artilharia:

*Fica garantida a existência do Museu de Artilharia, actualmente estabelecido no Arsenal do Exército, e o governo proverá ao incremento e desenvolvimento de todas as suas partes, sem prejuízo dos outros estabelecimentos e ramos de serviço.*<sup>6</sup>

No ano de 1895, após várias polémicas e controvérsias, foi decidido que o edifício da Fundação de Baixo seria o melhor local para se exporem as colecções do Museu de Artilharia, apesar daquela infraestrutura se encontrar em acelerado processo de deterioração.

Em 1897 foi criado o cargo de diretor do Museu de Artilharia, para o qual foi nomeado Eduardo Ernesto de Castelbranco (1840-1905) que seria, assim, o primeiro diretor do Museu.

Castelbranco, que fez carreira na arma de Artilharia e possuía profundos conhecimentos do fabrico e tipologias de armamento, só assumiu o cargo em 1900, já na situação de reforma e com o posto de General de Divisão. Enquanto diretor do Museu procedeu à sua reorganização por colecções no edifício da Fundação de Baixo, com a finalidade de salvaguardar o vasto património que estava disperso pelos três estabelecimentos fabris que constituíam o Arsenal do Exército.

---

<sup>3</sup> RODRIGUES, F. A. e TEIXEIRA, M. J.. Museus Militares do Exército - Um modelo de gestão em rede. Edições Colibri. Lisboa. 2012, p. 47.

<sup>4</sup> BAIÃO, Joana Margarida Gregório. Museus de museus- Uma reflexão. Proposta para uma definição. Dissertação de Mestrado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 2009, p. 30.

<sup>5</sup> Diário do Governo n.º 296, de 16 de dezembro de 1851.

<sup>6</sup> Artigo 19.º do Decreto Real de 1851.



Conhecedor da realidade museológica fora de Portugal, investiu muito na reabilitação das instalações do Museu e na organização da exposição das coleções, dispondo *tudo acertadamente, empregando grande número de objetos na parte decorativa*<sup>7</sup>.

Talvez inspirado com a decoração das salas do século XVIII, Castelbranco tomou a decisão de encomendar outras obras de arte, tais como as composições alegóricas dos tetos e paredes executadas por Columbano Bordalo Pinheiro e Carlos Reis, entre outros.

Muitas das obras, que fazem parte da decoração das salas, são alegorias sobre Portugal inspiradas nos Lusíadas, ficando estas como repositórios dos fatos mais notáveis da história de Portugal.

O Museu de Artilharia reunia todas as condições para ser um museu de indústria (quer pela natureza das suas coleções, quer pelo espaço físico onde se instalou), apresentando-se como um testemunho vivo da evolução do método de fabrico do armamento e equipamento e materializando a história da indústria militar em Portugal.<sup>8</sup>

A criação do Museu de Artilharia foi na realidade, e sempre vista dentro do contexto político-cultural internacional do século XIX, a formação de um espaço dedicado à exortação das glórias do passado e visando a criação de lugares de memória<sup>9</sup>. Essa mesma ideia foi igualmente defendida por Maria Teresa Correia:

*O Museu de Artilharia procurou, com recurso ao acervo e à arte, traduzir uma mensagem de defesa dos feitos mais épicos da valorosa pátria. [...] A criação artística foi reconhecida como um meio eficaz de comunicar às gerações presente e vindoura a ideia dos sacrifícios feitos pelos seus antepassados, que permitiram que o povo português pudesse ser um país independente e descobridor destemido.*<sup>10</sup>

Em 1926, através do Decreto n.º 12161 de 21 de agosto, foi alterada a designação de Museu de Artilharia para Museu Militar.

Em 2006, a designação de Museu Militar foi alterada para Museu Militar de Lisboa, pelo despacho regulamentar de julho desse ano, que distribuiu o acervo do Museu Militar pelos outros três museus militares existentes no continente e dois nas ilhas<sup>11</sup>, limitando assim geograficamente o antigo Museu Militar à cidade de Lisboa.

O edifício, adaptado à finalidade museológica devido à sua imponente arquitetura, riqueza de decoração exterior e interior, bem como ao fato de ser detentor de várias obras de arte, e

<sup>7</sup> Catálogo do Museu de Militar. 10ª ed. Tipografia de “O Sport de Lisboa”. Lisboa. 1930, p.12.

<sup>8</sup> BAIÃO, Joana Margarida Gregório, *Op. Cit.*, p.30.

<sup>9</sup> TEIXEIRA, Mariana Jacob. A natureza e gestão das coleções militares da Direção de História e Cultura Militar (Exército). Dissertação de Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. 2011, p. 20.

<sup>10</sup> CORREIA, Maria Teresa, *Op. Cit.*, p.124.

<sup>11</sup> Continente – Museu Militar do Porto, Museu Militar de Bragança e Museu Militar de Elvas; Ilhas - Museu Militar da Madeira e Museu Militar dos Açores.

Análise e diagnóstico do espaço expositivo “Sala dos Gessos” e da sua coleção de modelos em gesso à escala natural do Museu Militar de Lisboa

essencialmente, pela importância das suas coleções de âmbito militar, levou a que fosse considerado digno de proteção, estando classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1963<sup>12</sup>.

## 1.2. Localização e envolvente

O Museu Militar de Lisboa localiza-se junto à Estação de Santa Apolónia que, para além do comboio, é servida de metro, praça de táxis e paragem de várias carreiras de autocarros. Nas imediações existem parques de estacionamento para ligeiros e autocarros, pagos pelo utilizador.

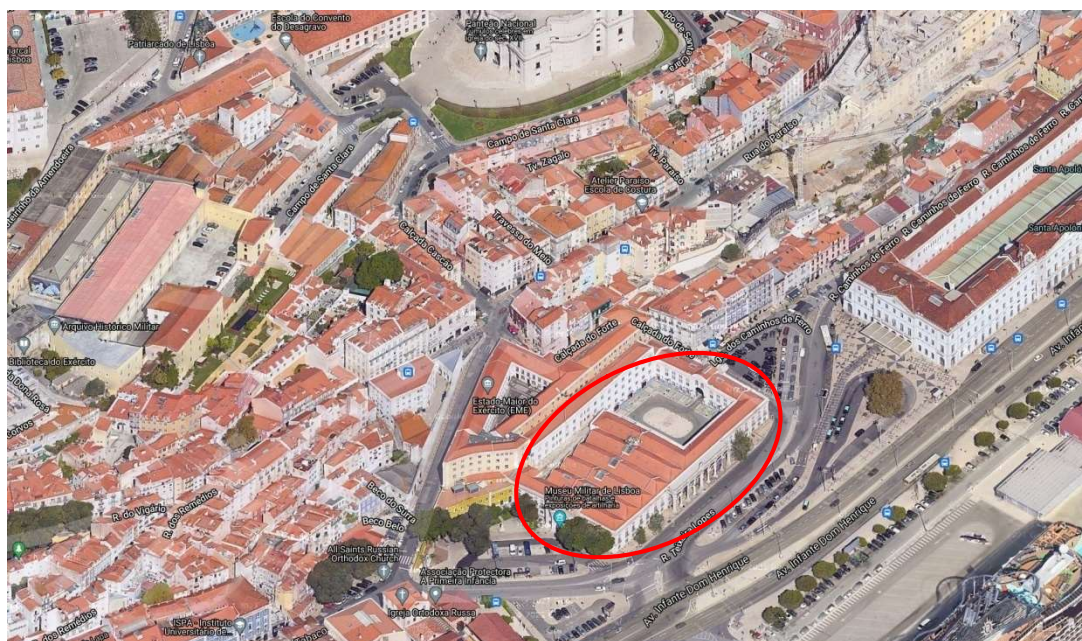


Figura 1- Localização do MML  
Fonte: Google Earth

Relativamente à envolvente do Museu, esta constitui-se como um ponto privilegiado de atração turística pela existência de monumentos de grande importância, muitos deles vestígios materiais de marcos históricos determinantes da vida nacional. Desde o Castelo de S. Jorge e fazendo um percurso histórico-cultural, encontra-se a Igreja e Mosteiro de S. Vicente de Fora, um dos mais imponentes e notáveis monumentos religiosos da cidade, cuja origem remonta ao tempo de D. Afonso Henriques, o Museu do Fado, o Museu da Água dedicado à história do abastecimento de água à cidade de Lisboa e o Museu Nacional do Azulejo, importante não só pela sua coleção única e ímpar, como pelo edifício em que se encontra instalado, pertencente ao antigo Convento da Madre de Deus, fundado em 1509 pela rainha D. Leonor.

<sup>12</sup> Decreto n.º 45 327, DG, 1.ª série, n.º 251 de 25 outubro 1963 / Parcialmente incluído na Zona de Proteção do Castelo de São Jorge e restos das cercas de Lisboa.

### 1.3. A Missão

O Museu de Artilharia teve até 1909 como missão classificar, guardar e conservar os objetos raros e curiosos que existiam no Arsenal.

De 1909 a 1911 o Regulamento<sup>13</sup> do Museu alterou a sua missão para: “*Colecionar os artigos que, pelo seu valor, convenha conservar como documentos da história militar do País.*”

O Museu de Artilharia manteve a sua designação até 1926, no entanto, a missão imposta pelo regulamento de 1920<sup>14</sup> tinha sido alterada, o Museu deveria “*expor e conservar todos os objetos que, pela sua raridade ou pelo seu valor convenha conservar como documento da história militar do país*”.<sup>15</sup>

Atualmente o MML tem como missão:

- Promover a valorização, o enriquecimento e a exposição do património histórico-militar à sua guarda;
- Inventariar e conservar o património que lhe está atribuído;
- Divulgar os valores culturais ligados à história militar;
- Participar em eventos de interesse histórico-militar ou com relevante significado histórico-cultural.<sup>16</sup>

#### 1.3.1 Estrutura Orgânica do Museu

O Museu Militar de Lisboa é tutelado pela Direção de História e Cultura Militar (DHCM), que se encontra sob o comando direto do Vice-Chefe do Estado Maior do Exército (VCEME), que, por sua vez, depende do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), de acordo com o organograma da Estrutura do Exército (Fig. 2). Não dispõe de estruturas orgânicas de apoio administrativo-logístico, não tem autonomia financeira nem orçamento próprio. Depende por isso, da Unidade de Apoio do Estado-Maior do

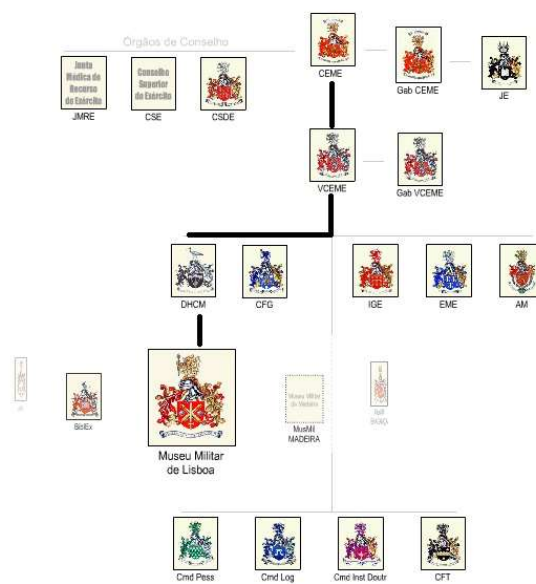


Figura 2- Organograma da estrutura do Exército

<sup>13</sup> Decreto de 16 de setembro de 1909, Diário do Governo N.º 241, de 23 de outubro, Artigo 3.º, p. 3512.

<sup>14</sup> Decreto 7195 de 22 novembro de 1920, publicado na Ordem do Exército n.º 14, I Série de 22 de dezembro, p. 625.

<sup>15</sup> RODRIGUES, F. A. e TEIXEIRA, M. J., *Op. Cit.*, p.49.

<sup>16</sup> Exército Português [consultado em 19 de novembro de 2020] Disponível em: <https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/vceme/dhcm/lisboa>

Exército (UnApEME), sendo esta Unidade responsável pela parte administrativa, logística e financeira do Museu.

O organograma do MML (fig. 3) divide-se em duas secções, Serviços Museológicos e Serviços de Apoio, onde se verifica que, maioritariamente, as funções museológicas estão sob a alçada dos serviços museológicos e a função segurança está dependente do serviço de apoio geral.

Segundo o Quadro Orgânico do Museu, aprovado em 05 de abril de 2017 por S. Exa.

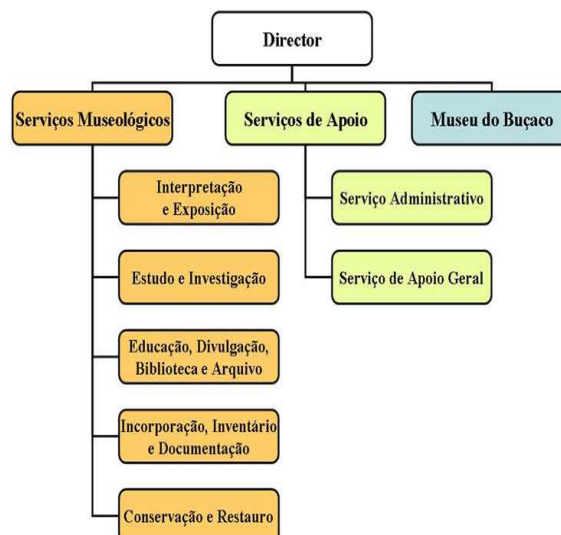


Figura 3- Organograma do MML

o General Chefe do Estado-Maior do Exército, os seus efetivos, independentemente da situação de prestação de serviço (militar do ativo ou da reserva), do quadro permanente (militar ou civil) ou em regime de contrato (militar, por categorias: oficial, sargento e praça) e da possibilidade interna de acumulação de funções, podem ser apresentados de forma resumida tal como consta na tabela 1:

| Órgão | Subunidade             | Efetivos em Quadro Orgânico |     |    |     | Total | Efetivos em falta |     |    |     | Total |
|-------|------------------------|-----------------------------|-----|----|-----|-------|-------------------|-----|----|-----|-------|
|       |                        | Of                          | Sar | Pr | Civ |       | Of                | Sar | Pr | Civ |       |
| MML   | Direção                | 3                           | 1   | 0  | 0   | 4     | 1                 | 0   | 0  | 0   | 1     |
|       | Serviços Museológicos  | 0                           | 2   | 1  | 14  | 17    | 0                 | 0   | 1  | 6   | 7     |
|       | Serviços de Apoio      | 0                           | 2   | 1  | 14  | 17    | 0                 | 2   | 1  | 5   | 8     |
|       | Destacamento do Buçaco | 1                           | 1   | 1  | 4   | 7     | 0                 | 0   | 0  | 2   | 2     |
| Total |                        | 4                           | 6   | 3  | 32  | 45    | 1                 | 2   | 2  | 13  | 18    |

Legenda:  
 Of. – Oficiais      Pr. – Praças  
 Sar. – Sargentos      Civ. – Civis

Tabela 1 – Quadro resumo dos efetivos do MML

Após análise da tabela 1 e destacando a parte correspondente aos serviços museológicos, pode verificar-se que o número de efetivos está muito aquém das necessidades do Museu para fazer face a todas as funções museológicas.

Atualmente os serviços museológicos são compostos pelo Chefe, Oficial Superior que acumula as funções de Subdiretor do Museu, um Sargento Ajudante Técnico de

Conservação e Restauro, dois Primeiros Sargentos, um deles responsável pelas Reservas do Museu e o outro responsável pela investigação e inventariação, além de outros processos respeitantes ao Museu, dois Técnicos Superiores Museólogos, uma Técnica Superior em História de Arte e Património, uma Assistente Técnica responsável pelos mapas estatísticos e uma Assistente Operacional responsável pela biblioteca e pelas publicações do Museu nas redes sociais.

De referir, que tanto a Técnica Superior Museóloga que estava colocada e a exercer funções na Secretaria Geral da Presidência do Conselho de Ministros, como a Técnica Superior em História de Arte e Património que estava a colocada e a exercer funções na Divisão de História e Cultura Militar da Guarda Nacional Republicana, só começaram a desempenhar funções no Museu no dia 01 de março de 2021.

A entrada das duas novas Técnicas Superiores coincidiu com a saída de uma Assistente Operacional, que tinha à sua responsabilidade os processos de doação, os processos de cedência de longa duração e de cedência temporária e o processo de inventariação dos objetos do Museu, nomeadamente na parte da introdução dos dados no sistema de gestão de coleções “Inarte Premium”, funções estas que passaram a ser assumidas pelas duas técnicas superiores.

Como já se referiu, o número de efetivos é reduzido relativamente ao que está proposto em Quadro Orgânico para fazer face ao volume de trabalho diário do Museu. Porém, todos desenvolvem os esforços necessários e trabalham nestes serviços para que, de uma maneira geral o Museu consiga cumprir com as funções museológicas esplanadas no artigo 7º da lei 47/2004 de 19 de agosto, Lei-Quadro dos Museus Portugueses.

#### **1.4. O acervo**

Em conformidade com o Despacho nº 60/CEME/2013 de 17 de Maio de 2013, de S. Exa. o General Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), foi decidido atribuir ao MML as seguintes áreas temáticas, pelas quais foi orientado e organizado o seu discurso expositivo<sup>17</sup>: O Exército, os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa; A Primeira Guerra Mundial; As Campanhas de África no séc. XIX e no séc. XX; Evolução do armamento; Coleção de peças de Artilharia em bronze do séc. XVI ao séc. XIX; A Artilharia Portuguesa do espólio do antigo Arsenal do Exército.

---

<sup>17</sup> Despacho nº 60/CEME/2013 de 17mai2013 que determina as temáticas museológicas dos Museus Militares que compõem a Rede dos Museus Militares do Exército Português, neste caso específico, tratam-se apenas das temáticas do Museu Militar de Lisboa, onde se incluí o Destacamento do Museu Militar no Buçaco, na sua dependência direta.

O acervo do Museu Militar, que cobre as temáticas atribuídas é constituído pelas seguintes coleções:<sup>18</sup>

- Escultura - esta coleção engloba escultura de corpo inteiro e bustos em bronze, pedra e modelos em gesso, onde se insere a coleção em estudo;
- Pintura - excelente coleção de temática histórica, ou alegórico-mitológica, que reúne obras de alguns dos maiores nomes da pintura portuguesa de fins do século XIX a inícios do século XX;
- Azulejaria - esta coleção azulejar de temática militar abrange um período que vai de fins do século XVIII a meados do século XX;
- Artilharia histórica do século XV até 1918 - engloba toda a artilharia histórica herdada do antigo Arsenal do Exército, passando por exemplares dos séculos XIX e XX, envolvidos em episódios históricos como as Invasões Francesas, as Lutas Liberais e I Grande Guerra;
- Armamento e equipamento individual - podendo, nesta coleção, enquadrar-se todo tipo de material militar desde espadas, punhais, adagas, piques, lanças, partazanas, alabardas, maças de armas, arcabuzes, mosquetes, pistolas, espingardas, armaduras, e coberturas militares;
- Diverso armamento gentílico e material etnográfico - coleção de fardamento e equipamento constituída por uniformes, barretinas, mochilas e calçado militar;
- Vexilologia, Falerística e Medalhística.

Segundo Mariana Jacob Teixeira, *as coleções têm uma abrangência nacional, encontrando-se em grande percentagem relacionadas com o fundo antigo deste museu, principalmente no que se refere à coleção proveniente do Arsenal do Exército.*<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> MARQUES, Maria da Conceição Martins Vieira. Museu Militar de Lisboa: Proposta de Reprogramação Museológica. Dissertação em Museologia e Museografia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes. Lisboa. 2015,p. 34.

<sup>19</sup> TEIXEIRA, Mariana Jacob, Op. Cit., p.40.

## 2. CARATERIZAÇÃO DA SALA DOS GESSOS E DA COLEÇÃO

### 2.1. Antecedentes do edifício

Foi a partir do séc. XVIII que se começaram a concentrar no Campo de Santa Clara, ou nas suas proximidades, vários departamentos do Exército e da Marinha que se instalaram quer em edifícios já existentes, quer em novas construções.

Em função da carência de armamento, pólvora e projéteis, associada à impossibilidade de expansão da “Fundição de Baixo”, D. João V ordenou a construção de novos estabelecimentos fabris em terrenos na envolvente do Campo de Santa Clara, que resultaram na construção da antiga “Casa da Fundição de Artilharia” designada por “Fundição de Cima”.

Após o terramoto de 1755 foi encarregue da reconstrução da cidade, o engenheiro-mor do Reino e guarda-mor da Torre do Tombo, Brigadeiro Manuel da Maia (1680-1768)<sup>20</sup>.

Nos primeiros projetos para a Praça do Comércio, esteve sempre previsto um grande monumento de homenagem a D. José e ao futuro Marquês de Pombal<sup>21</sup>. O monumento foi colocado a concurso no ano de 1770, tendo sido vencedor o escultor Joaquim Machado de Castro (1732-1869), que ficou com a responsabilidade pela criação do modelo da estátua. O escultor recebeu então ordem para iniciar a execução do modelo tendo para isso sido construída toda uma estrutura em madeira, num pátio que havia no recinto das oficinas da Fundição de Artilharia ou Fundição de Cima, de modo a possibilitar a criação da estátua no seu interior.

João Mascarenhas Mateus assinala que:

*Logo que o modelo em barro foi aprovado em junho desse ano procedeu-se à construção, no Pátio da Casa da Fundição, do Laboratório do Modelo Grande. Um edifício de dimensões consideráveis (60x40 palmos em planta, equivalente a 13x10m) com uma altura livre aproximada de 7 metros e paredes amovíveis (nas laterais desta estrutura foram colocados caixilhos portáteis para que se pudessem remover), para permitir a visualização constante do conjunto.*<sup>22</sup>

<sup>20</sup> Catálogo do Museu Militar de Lisboa. Exposição – Os Engenheiros Militares e o Terramoto de Lisboa de 1755, trabalhos e consequências. Lisboa. 2005, p. 4.

<sup>21</sup> Idem, p.5.

<sup>22</sup> MATEUS, João Mascarenhas. “Desafios técnicos da estátua equestre de D. José I”, in FARIA, Miguel Figueira de (coord.). *Machado de Castro – Da utilidade da escultura*. Lisboa: Caleidoscópio, 2014. p. 80.



Foi a partir desta estrutura que se construiu a grande sala envidraçada onde ainda hoje se guarda o modelo da Real Estátua Equestre, no local do antigo laboratório<sup>23</sup> onde trabalhou o escultor Machado de Castro e a sua equipa de modeladores e moldadores.

Norberto Araújo (1889-1952) em, *Peregrinações em Lisboa*, escrito em 1939, refere:

*[...] Nesta altura, funcionavam ali serviços de secretaria do Arsenal do Exército [...] e um pequeno Museu da Fundação Militar, vulgarmente conhecido hoje por Sala dos Gessos, onde estão os modelos, em gesso, das estátuas produzidas na Fundação, a mais importante das quais é a estátua equestre de D. José I que só daqui poderia sair demolindo o edifício, pois este foi erguido com a estátua colocada no seu interior.*<sup>24</sup>

Em 2006, o Exército elaborou o Programa de Modernização e Concentração de Infraestruturas<sup>25</sup> onde apresentou a proposta de criação de um Pólo Cultural do Exército<sup>26</sup> a instalar nos prédios militares em torno do eixo: Santa Clara - Santa Apolónia. Após a reabilitação de um dos edifícios da Fundação de Cima e com a instalação naquela infraestrutura da Biblioteca do Exército e do Arquivo Histórico Militar, a criação do Pólo Cultural do Exército ficou concluída.

Este eixo inclui, além da Fundação de Cima (prédio Militar n.º 50/Lisboa), a Fundação de Baixo (atual Museu Militar), a Direção de Infraestruturas do Exército (DIE) (no Palácio dos Marquês do Lavradio), as Oficinas Gerais de Fardamento e Equipamento (no antigo Palácio dos Marquês de Resende), o Estado-Maior do Exército (nas antigas dependências do Arsenal destinadas ao ensino e alojamento) e a Messe Militar de Santa Clara (Palácio dos Condes de Barbacena).

De acordo com Catarina Correia<sup>27</sup>:

*[...] Estes edifícios, apesar de em grande parte terem sido construídos antes do terramoto de 1755 e preservarem características artísticas relevantes*

<sup>23</sup> Machado de Castro descreve que o “laboratório” que mandou instalar na Casa da Fundação de Artilharia tinha 60 palmos (13,2 m) de comprimento e 46 palmos (10,12 m) de largura, levando a crer que corresponde à atual “Sala das Estátuas” pela proximidade da oficina de Fundação e pelas dimensões idênticas (12,90 m de comprimento e 9,70 m de largura). (CASTRO, Machado de. *Descrição analytica da estatua equestre erigida em Lisboa à glória do Senhor Rei Fidelissimo D. José I*. Lisboa: Imp. Regia, 1810. p. 112, (nota de rodapé n.º 3).

<sup>24</sup> SANTOS, N. (junho de 1995). História da Biblioteca do Exército. Lisboa. Disponível em [www.exercito.pt/sites/BiBEx/Historial/Documents/HistoriaBibEx](http://www.exercito.pt/sites/BiBEx/Historial/Documents/HistoriaBibEx), consultado em 16 de março de 2021. Cit. por CORREIA, Catarina da Glória Magalhães. Intervenção no Prédio Militar N.º 50 em Lisboa, antiga Fundação de Canhões. Dissertação para a obtenção de Grau de Mestre em Engenharia Militar da Academia Militar no Instituto Superior Técnico de Lisboa. Lisboa. 2015, p. 5.

<sup>25</sup> Despacho n.º 2951 do General Chefe de Estado Maior do Exército.

<sup>26</sup> Este Pólo Cultural teve a sua concretização com a instalação da Biblioteca do Exército e do Arquivo Histórico Militar num edifício do PM050/Lisboa – “Fundição de Cima”.

<sup>27</sup> CORREIA, Catarina da Glória Magalhães. Intervenção no Prédio Militar N.º 50 em Lisboa, antiga Fundação de Canhões. Dissertação para a obtenção de Grau de Mestre em Engenharia Militar da Academia Militar no Instituto Superior Técnico de Lisboa. Lisboa. 2015, p. 7.



*constituindo parte da história do local, continuam até aos dias de hoje sem receber proteção legal ou qualquer tipo de classificação (apesar de várias propostas a título individual que foram feitas, mas que receberam parecer negativo do IGESPAR<sup>28</sup>.*

## 2.2. Caracterização do edifício

*O edifício é a primeira barreira de protecção para as colecções que alberga. Por esse motivo, é fundamental considerar as suas características, compreender o seu comportamento e conhecer a sua localização e envolvente, uma vez que estes factores podem influenciar a conservação do acervo.<sup>29</sup>*

O edifício da Sala dos Gessos é um espaço museológico que faz parte do MML e está instalado conjuntamente com a Biblioteca do Exército e o Arquivo Histórico Militar no interior do Prédio Militar nº 050/Lisboa, denominado como Fundação dos Canhões (Fig. 4). Este edifício está localizado na Antiga Fundação de Cima no Campo de Santa Clara nº 62, em frente ao Panteão Nacional, a 450 metros do MML.



Figura 4- Localização do edifício da Sala dos Gessos  
Fonte: DIE

Como foi referido anteriormente (subcapítulo 2.1.), esta estrutura teve origem no laboratório de Machado de Castro construído em 1771. Como o espaço atribuído ao escultor era limitado, tornou-se imprescindível a introdução de algumas alterações ao projeto de construção do edifício. Dessas alterações resultaram duas paredes amovíveis, para que o escultor depois de terminada a sua obra (que se prolongava até ao 1º piso do edifício) pudesse apreciar e avaliar de longe, o resultado do seu trabalho.

<sup>28</sup> Atual Direção-Geral do Património Cultural (DGPC).

<sup>29</sup> CAMACHO, Clara Frayão (coord.). *Temas de Museologia: Plano de Conservação Preventiva – Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Instituto dos Museus e Conservação. Lisboa. 2007, p. 14.

Este é considerado como um dos edifícios mais antigos do conjunto da Fundação de Cima. Numa planta datada de 1811 (fig. 5) do complexo da Fundação de Cima verifica-se que o edifício se encontra devidamente assinalado como *o lugar sobre o qual se acha o modelo da Estátua Equestre*<sup>30</sup>.

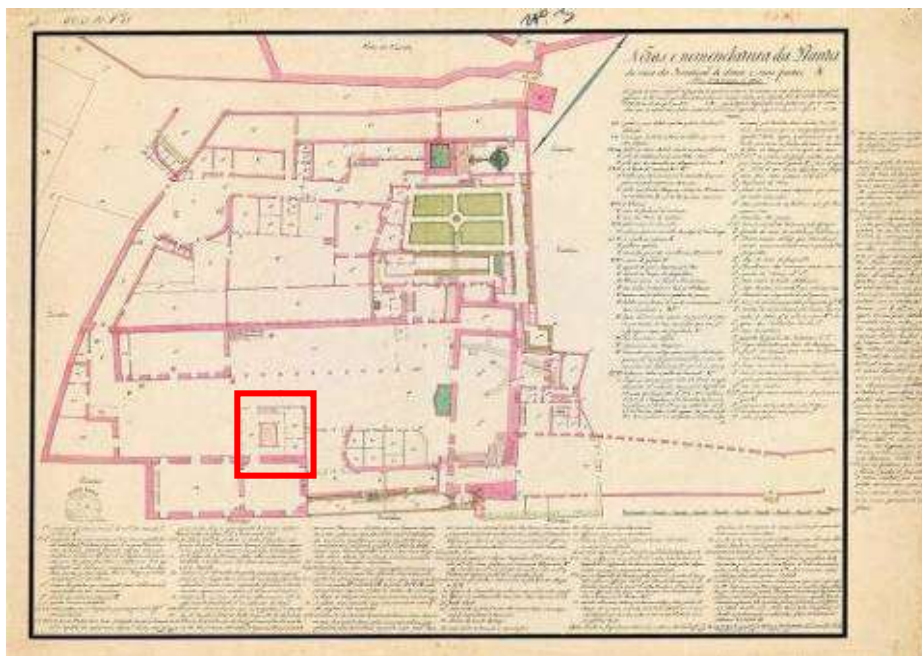


Figura 5- Planta da Fundação de Cima de 1811  
Fonte: GEAM/DIE

Esta infraestrutura é constituída por uma sala de planta retangular (Anexo I), com as seguintes dimensões: 12,90 metros de comprimento por 9,70 metros de largura e um pé direito de 8,20 metros de altura. A meia altura das paredes (1º piso), possui um varandim bastante amplo, com a largura máxima de 3,50 metros e a mínima de 1,16 metros, com balaustrada em madeira pintada de cor marfim, com 95 centímetros de altura.



Figura 6- Sala dos Gessos  
Fonte: do autor



Figura 7- Edifício da Sala dos Gessos  
Fonte: do autor

<sup>30</sup> Referenciado com os nºs 65, 66, 67 e 68 na planta de 1811 da Fundação de Cima (PT-GEAEM-3845/IV-2-23-32).

### 2.3. Caraterização da coleção

Embora a coleção não seja de cariz militar, os modelos em gesso à escala natural, encontram-se sob a responsabilidade do MML, de acordo com as medidas tomadas pelo Barão de Monte Pedral, que tiveram como objetivo, a proteção e a conservação dos testemunhos artísticos, industriais e militares produzidos nos três estabelecimentos fabris que constituíam o Real Arsenal do Exército<sup>31</sup>. Neste âmbito, a principal medida foi a produção do inventário dos objetos que seriam remetidos para o Museu, onde se incluem os modelos em gesso, medida esta que deu origem à reorganização do Museu por coleções<sup>32</sup>, levada a cabo pelo primeiro diretor, Eduardo Castelbranco.

A coleção é formada por doze modelos em gesso (tabela 2) os quais, resultante da atividade desenvolvida na Fundação de Cima e fazendo uso das técnicas de fundição utilizadas para os canhões e outros artefactos militares, levaram entre 1774 e 1913 à fundição dos respetivos originais em bronze.

São peças de grandes dimensões, com alturas compreendidas entre os 2,74 m do modelo da estátua do Marquês de Sá da Bandeira (a mais pequena) e os 6,93 m do modelo da estátua equestre de D. José.

| Imagem                                                                              | Designação                    | Autor                     | Original em bronze           |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|---------------------------|------------------------------|
|  | Estátua Equestre de D. José I | Joaquim Machado de Castro | Praça do Comércio em Lisboa  |
|  | Estátua de José Estevão       | Simões de Almeida (tio)   | Praça da República em Aveiro |

<sup>31</sup> O Arsenal era constituído por: Fundação de Baixo; Fundação de Cima e a Fundação do Campo de Santa Clara.

<sup>32</sup> TEIXEIRA, Mariana Jacob. *Op. Cit.*, p.40.

Análise e diagnóstico do espaço expositivo “Sala dos Gessos” e da sua coleção de modelos em gesso à escala natural do Museu Militar de Lisboa

|                                                                                     |                                                    |                              |                                                                             |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------|------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|
|    | Estátua do Génio da Vitória                        | Simões de Almeida (tio)      | Monumento aos Restauradores localizado na Praça dos Restauradores em Lisboa |
|    | Estátua do Marquês de Sá da Bandeira               | Simões de Almeida (sobrinho) | Largo do Seminário em Santarém                                              |
|    | Estátua do Bispo António Alves Martins             | Teixeira Lopes               | Largo de Santa Catarina em Viseu                                            |
|  | Estátua do Dr. Sousa Martins                       | Costa Mota (tio)             | Campo Mártires da Pátria em Lisboa (em frente à escola médica)              |
|  | Estátua de Afonso de Albuquerque                   | Costa Mota (tio)             | Jardim Afonso de Albuquerque em Belém, Lisboa                               |
|  | Estátua de Joaquim Augusto de Aguiar (Mata Frades) | Costa Mota (tio)             | Largo da Portagem em Coimbra                                                |

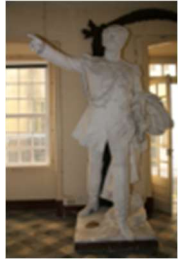
|                                                                                     |                                   |                       |                                                                  |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|-----------------------|------------------------------------------------------------------|
|    | Estátua do Génio da Independência | António Alberto Nunes | Monumento aos Restauradores na Praça dos Restauradores em Lisboa |
|    | Estátua do Duque de Saldanha      | Tomás Costa           | Praça do Saldanha em Lisboa                                      |
|   | Estátua da Figura da Vitória      | Tomás Costa           | Monumento ao Duque de Saldanha na Praça do Saldanha em Lisboa    |
|  | Estátua de Manuel Fernandes Tomás | Fernandes de Sá       | Praça 8 de Maio na Figueira da Foz                               |

Tabela 2 – Peças que integram a coleção de modelos em gesso à escala natural

Nesta coleção podem ser observados os modelos criados por vários artistas, que tiveram impacto no percurso da escultura em Portugal, onde se destaca Machado de Castro (1731-1822) com o seu modelo da estátua equestre de D. José I.

Em 1755, em consequência do terramoto, a cidade de Lisboa teve de ser reconstruída rapidamente, tendo sido disso encarregado Eugénio dos Santos (1711-1760), engenheiro militar e arquiteto<sup>33</sup>, que organizou em termos muito modernos a urbanização da Baixa e desenhou a Praça do Comércio. Nesse projeto ficou determinado o lugar em que seria erigido o monumento dedicado ao rei D. José, tendo imediatamente o alicerce do pedestal lá sido colocado, a aguardar a realização da estátua equestre.

Segundo José Augusto França:

<sup>33</sup> CASTRO, Machado de. *Descriçãoanalytica da estatua equestre erigida em Lisboa à glória do Senhor Rei Fidelissimo D. José I*. Lisboa: Imp. Regia, 1810. p. 2.



*[...] logo em 1759 se previu a estátua, na ideia de Eugénio dos Santos, que a desenhou, e certamente de Manuel da Maia que ordenou, conforme prováveis instruções de Pombal, a sua inclusão nos planos urbanos – para que a Praça do Comércio fosse também uma Praça Real, jogando emblematicamente nos dois sentidos da sociedade que assim se anunciava.*<sup>34</sup>

O mesmo autor refere que o desenho de Eugénio dos Santos tem uma origem certa dentro do quadro clássico e barroco com inspiração nos projetos de Perrault para um monumento a Luís XIV e de LeBrun para um arco de triunfo consagrado ao Rei Sol em Paris.<sup>35</sup>

Machado de Castro recebeu do ajudante de arquitetura da Casa do Risco e Obras Públicas, Domingos da Silva Raposo, um convite inusitado em 19 de outubro de 1770<sup>36</sup>. A proposição em questão mencionava a abertura de um concurso, dirigido pelo arquiteto e engenheiro militar Reynaldo Manoel dos Santos (1731-1791), então diretor daquela repartição, cujo empreendimento resultaria na execução da estátua régia de D. José I.

Em finais de dezembro de 1770, os concorrentes receberam os desenhos<sup>37</sup> (Anexo II) da representação alegórica da estátua produzida e idealizada por Eugénio dos Santos, ficando encarregados de produzir uma representação em vulto feita sobre gesso, a ser entregue no Paço, em 21 de março de 1771.<sup>38</sup>

O escultor teve de submeter-se aos desenhos que Reynaldo Manoel dos Santos concebera para o pedestal e também aos desenhos que Eugénio dos Santos fizera em 1759 e que foram aprovados pelo Marquês de Pombal. O escultor apenas conseguiu alterar o manto do rei e modificar nos grupos laterais alguns panejamentos e atitudes das figuras humanas<sup>39</sup>.

Machado de Castro teve de recorrer a retratos para a representação do corpo e a uma estampa do rosto do rei, uma vez que o monarca se recusou a posar para o artista.

José Augusto França refere que:

*[...] o desenho de Eugénio dos Santos mostra o rei em armadura e com elmo emplumado que lhe aumenta a figura atarracada num pequeno cavalo de Alter*

<sup>34</sup> FRANÇA, José Augusto. *História da Arte em Portugal – o Pombalismo e o Romantismo*. 1ª edição Lisboa:Artes Gráficas, Lda. 2004. p. 27.

<sup>35</sup> FRANÇA, José Augusto., *Op. Cit.*, p. 27.

<sup>36</sup> CASTRO, Machado de., *Op. Cit.*, p. 23.

<sup>37</sup> Foram entregues por Reynaldo dos Santos dois conjuntos de desenhos iguais, um para Machado de Castro e o outro para o outro concorrente (o estrangeiro como o designa Machado de Castro) (CASTRO, Machado de. *Op. Cit.*, p.23).

<sup>38</sup> LIMA, Henrique de C. F. *Joaquim Machado de Castro – Escultor Conimbricense. Notícia Biográfica e Compilação dos seus Escritos Dispersos*. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1989. pp. 10-11.

<sup>39</sup> CASTRO, Machado de., *Op. Cit.*, p. 31.

*“piafante”; o retrato em si não é muito parecido porque o escultor nunca pôde ver o modelo ao natural.*<sup>40</sup>

O julgamento dos vultos<sup>41</sup> resultou na escolha de Machado de Castro para a função de estatuariário com aprovação do próprio monarca.<sup>42</sup>

Em dezembro de 1770, o escultor realiza um primeiro modelo em cera com uma abordagem inicial ao tema e à figura definida. Já relativamente ao segundo modelo em barro, Machado de Castro menciona:

*[...] he aquelle, em que devião fazer todos os estudos precisos para a perfeição desta obra; por ser o que havia de servir, como em efeito servio de guia para executar-se por elle o modelo grande, que he, em certo modo, o mesmo bronze.*<sup>43</sup>

Foram realizadas medições e elaborados estudos para a criação da estátua equestre, sendo definido que o cavalo iria ser representado em “piaffer”, passo que permite ao cavaleiro mostrar toda a nobreza, fogo e brio da sua montada. Tanto a posição do cavaleiro assim como a do cavalo foi representada de acordo com as instruções do Estribeiro-Mor do Reino.<sup>44</sup>

Logo que este modelo ficou pronto foi apresentado ao rei que de imediato o aprovou, tendo Machado de Castro a 10 de junho de 1771, recebido ordem para iniciar a feitura do modelo grande. Foi primeiro executado um modelo grande em estuque, seguido de um modelo grande em gesso e finalmente um modelo grande em cera, para receber todo o enchimento de metal.

Em todo o tempo que decorreu até se completar o modelo grande foi abandonada a intenção de utilizar um leão junto à base e em volta das patas do cavalo como estava definido nos desenhos de Eugénio dos Santos, devido a questões de tempo e execução. Acabado o modelo grande, ficou o mesmo em poder do engenheiro Bartolomeu da Costa (1731-1801) para cuidar da sua fundição em bronze nas instalações da Fundição de Cima. Machado de Castro enquanto mestre da primeira oficina de escultura em Lisboa, foi admirado e seguido por diversas gerações de escultores, incluindo aquela que integrou posteriormente a Academia de Belas Artes em 1836<sup>45</sup>. O seu contributo através da estátua

---

<sup>40</sup> FRANÇA, José Augusto., *Op. Cit.*, pp. 27-28.

<sup>41</sup> Modelos da estátua a concurso.

<sup>42</sup> CASTRO, Machado de., *Op. Cit.*, pp. 32-33.

<sup>43</sup> CASTRO, Machado de., *Op. Cit.*, p. 37.

<sup>44</sup> CASTRO, Machado de., *Op. Cit.*, p. 47.

<sup>45</sup> ALMEIDA, Sílvia Lucas Vieira de. *Forma e Conceito na Escultura de Oitocentos – vol. I. Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.* Lisboa. 2012, p.9.

equestre de D. José I, é de grande relevância para a escultura em Portugal, uma vez que o seu modelo deu origem à primeira estátua equestre de grandes dimensões realizada em Portugal, que se transformou no primeiro monumento na via pública dedicado a uma pessoa viva. Sobre isto Raquel Henriques da Silva refere:

[...] *Machado de Castro foi o pai espiritual de toda a escultura que se fará em Portugal tanto sob a estilística neoclássica (como acontece no átrio do Palácio Nacional da Ajuda) como sob as mais incertas estilísticas romântica e naturalista. A diferença essencial entre uma e outras é que as convenções do ofício e a sua estética foram-se adaptando à celebração, fortemente nacionalista, de narrativas da grande e da pequena História.*<sup>46</sup>

Os outros modelos de gesso pertencentes à coleção, são trabalhos de artistas de finais do século XIX e inícios do século XX. É o caso de Simões de Almeida (Tio) (1844-1926), Costa Mota (Tio) (1862-1930) ou Teixeira Lopes (1866-1942), que deram origem a várias estátuas públicas.

Neste período, a manutenção do romantismo, principalmente nos monumentos públicos, seguia a tendência existente noutros países.

Em relação a esta questão José-Augusto França refere:

*O romantismo deixara Lisboa assaz fornecida de estátuas públicas— duas das quais em vias de execução. O monumento a Sá da Bandeira só seria inaugurado em 84 e o dos Restauradores<sup>47</sup> não estaria terminado antes de 86, já a Avenida ia em andamento de construção.*<sup>48</sup>

O monumento dedicado a Afonso de Albuquerque, que hoje se encontra em Belém num jardim com o mesmo nome, deveu-se à iniciativa do historiador Luiz Soriano que faleceu em 1891 e que *para isso deixou dinheiro em testamento.*<sup>49</sup>

Do concurso realizado em 1892, para a realização da estátua, saíram premiados o escultor Costa Mota (tio), discípulo de Simões de Almeida e o arquiteto Silva Pinto. O escultor optaria por realizar o monumento em “estilo manuelino”:

---

<sup>46</sup> SILVA, Raquel Henriques da. “Estatuária académica: entre a norma, a história e a sensibilidade romântica”, in CÂMARA, Sílvia e CARVALHO, Jorge Ramos de (coord). *Estatuária e Escultura de Lisboa-Roteiro*, Arte Pública. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa.2005, p. 29.

<sup>47</sup> As estátuas que constituem este monumento são as estátuas do Génio da Vitória e a do Génio da Independência, cujos modelos em gesso fazem parte da coleção em estudo.

<sup>48</sup> FRANÇA, José Augusto. *A Arte em Portugal no séc. XIX*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1966 (Amadora: Imprensa Portugal-Brasil). 2º volume, p. 205.

<sup>49</sup> Idem.



[...] *Costa Mota, lamentando que a exiguidade da verba o tivesse “obrigado a reduzir a muito a sua alma impressionada” com os feitos do herói, escolheu o estilo manuelino, vendo nele o estilo “dos nossos tempos heróicos”, e também a “recordação da arquitectura indiana”.*<sup>50</sup>

O monumento só foi inaugurado em 1901, após intervenção do Grémio Artístico para que o Estado fornecesse o bronze necessário, cujo valor não cabia no orçamento inicial para a sua realização. A inauguração desta obra, deu origem a uma série de outras, concordante com o desenvolvimento da cidade e cuja primeira foi o monumento ao Doutor Sousa Martins no Campo dos Mártires da Pátria. O responsável pelos dois projetos deste monumento foi também Costa Mota (tio), cujos modelos em gesso se encontram à responsabilidade do MML, encontrando-se o primeiro nas reservas do Museu no Entroncamento e o segundo exposto na Sala dos Gessos.

Teixeira Lopes, contemporâneo de Costa Mota (tio), foi para José-Augusto França, depois de Soares dos Reis (1847-1889),

[...] *o escultor mais talentoso e mais pessoalmente expressivo. Na época ingrata de um naturalismo dominado por valores literários, ele conseguiu pensar escultoricamente temas de um sentimentalismo idealizado, com discreta elegância e ofício seguro. Com ele se reatou o movimento esperançosamente definido pelo seu mestre e por Simões de Almeida – e que nos anos 90 parecia ameaçado.*<sup>51</sup>

Além do modelo da estátua do Bispo António Alves Martins que se encontra na coleção em estudo, Teixeira Lopes foi também o autor da obra escultórica que encima a fachada voltada a nascente do MML (virada para Santa Apolónia).

Nessa obra, com influências da iconografia francesa, prova de que havia uma linguagem internacional cuja matriz era o classicismo barroco, pode-se observar uma imponente e maravilhosa alegoria da Pátria guerreira, representada por uma mulher desnudada com a espada numa mão e na outra, uma bandeira desfraldada, acompanhada de crianças, símbolos do amor e da candura.<sup>52</sup>

Relativamente às figuras representadas na coleção em estudo, são personagens que tiveram uma grande importância e influência no contexto histórico português. Desde Afonso de Albuquerque, que ficou reconhecido como um génio militar pelo sucesso da sua estratégia

---

<sup>50</sup> FRANÇA, José Augusto., *Op. Cit.*, p. 206.

<sup>51</sup> FRANÇA, José Augusto., *Op. Cit.*, p. 215.

<sup>52</sup> Catálogo do Museu de Artilharia. 6ª Ed. Lisboa: Tipografia Palhares. 1912, p. 23.

Análise e diagnóstico do espaço expositivo “Sala dos Gessos” e da sua coleção de modelos em gesso à escala natural do Museu Militar de Lisboa

de expansão do Império Português no Oriente nos séculos XV e XVI, ao Dr. Sousa Martins, distinto médico, cientista, investigador, professor e escritor da 2ª metade do século XIX, passando pelo Duque de Saldanha, diplomata e um dos políticos dominantes do século XIX em Portugal, entre outras figuras proeminentes da sociedade portuguesa.

Fora do âmbito da representação de personagens reais, encontram-se as personagens mitológicas, como o Génio da Independência, a Figura da Vitória e o Génio da Vitória, cujos originais fazem parte de monumentos evocativos de episódios da história de Portugal.

Os originais destes modelos em bronze, encontram-se em praças, jardins e largos localizados em cidades portuguesas (Lisboa, Santarém, Viseu, Coimbra, Aveiro e Figueira da Foz), em homenagem às personalidades representadas ou no caso das personagens mitológicas, em homenagem a algum acontecimento da história de Portugal.

### **3. A SALA DOS GESSOS: DIAGNÓSTICO AO ESPAÇO E À GESTÃO DA COLEÇÃO**

#### **3.1. Estado de conservação do edifício**

Apesar de ser um dos edifícios mais antigos do conjunto da Fundação de Cima, não se identificaram referências a antigas intervenções que possa ter sofrido, tendo unicamente sido recolhidos dados, junto da DIE, referentes a intervenções efetuadas em 2005 e 2013.

Em 2005, no âmbito das comemorações dos 250 anos do terramoto que atingiu a cidade de Lisboa, foi projetada a realização de uma exposição naquele edifício, com o tema “Os Engenheiros Militares e o Terramoto de 1755”. Nessa altura foi feita uma avaliação técnica pela DIE ao estado de conservação do edifício, a qual identificou vários problemas no interior da sala, ao nível dos revestimentos dos tetos, paredes e pavimentos, que contribuíram para o estado de degradação apresentado, necessitando por isso de uma intervenção generalizada<sup>53</sup>. Além das obras de reparação e pintura de tetos, paredes e pavimentos, foram também realizadas obras de substituição da iluminação.

Ainda no âmbito da exposição comemorativa dos 250 anos do terramoto de 1755, foram também realizadas obras para a colocação de uma escada em ferro no exterior do edifício<sup>54</sup>, permitindo assim o acesso mais facilitado ao varadim, no primeiro piso, que anteriormente se fazia exclusivamente através de uma porta do edifício adjacente que pertencia à extinta Direção da Arma de Artilharia.

Outra das intervenções realizadas nessa altura, foi a pintura no chão de pegadas a representar as pegadas do cavalo de D. José, nas ruas que ligam o MML à Sala dos Gessos, a sinalizar o trajeto que os visitantes tinham de percorrer para irem visitar a exposição e ao mesmo tempo ver o modelo da estátua equestre.

Em 2013 a DIE, após vários relatórios do MML a solicitar a realização de obras de reabilitação, fez nova avaliação técnica ao estado de conservação do edifício que revelou novamente uma grande degradação ao nível das paredes e dos tetos, associada à existência de patologias diversas. Os trabalhos realizados foram então:

- Reparação e pintura de paredes e tetos;
- Reparação e pintura de sanca em madeira;
- Reparação e pintura de alizares em madeira;

---

<sup>53</sup> Memória descritiva do processo nº 109/05 de outubro de 2005, disponibilizada pela Secção de Administração e Segurança de Obras (SASO) da DIE.

<sup>54</sup> Memória descritiva do processo nº 110/05 de outubro de 2005, disponibilizada pela SASO da DIE.

- Verificação da rede elétrica<sup>55</sup>.

Não houve qualquer tipo de intervenção na cobertura da infraestrutura, não tendo até à presente data sido realizadas mais obras. Considerando os evidentes sinais de degradação do edifício, optou-se por iniciar este diagnóstico fazendo um levantamento do seu estado de conservação, sobretudo pelos efeitos que tal estado confere à coleção em estudo. Ressalva-se, contudo, que esta avaliação, não sendo matéria de especialidade do autor deste relatório, deverá ser revista pelo organismo competente, neste caso a DIE.

Usaram-se como referência, os critérios de avaliação constantes no Método de Avaliação do Estado de Conservação de Edifícios de Serviços, da Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo em coordenação com o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa<sup>56</sup>.

De acordo com o referido Método de Avaliação, foram considerados os seguintes tipos de anomalias<sup>57</sup>:

- Muito ligeiras - Ausência de anomalias ou anomalias sem significado;
- Ligeiras - Anomalias que prejudicam o aspeto e que requerem trabalhos de fácil execução;
- Médias - Anomalias que prejudicam o uso e conforto e que requerem trabalhos de limpeza, substituição ou reparação de fácil execução;
- Graves - Anomalias que prejudicam o uso e conforto e que requerem trabalhos de difícil execução;
- Muito graves - Anomalias que colocam em risco a saúde e/ou a segurança, podendo motivar acidentes sem gravidade, e que requerem trabalhos de difícil execução ou ausência ou inoperacionalidade de infraestrutura básica.

De acordo com a dita referência, sendo este edifício uma infraestrutura muito antiga deve ter-se em atenção o seguinte:

*Nos edifícios antigos, grande parte da sua construção desempenha um papel importante em termos estruturais, pelo que o critério de avaliação deve aplicar-se à totalidade desses diferentes elementos da construção (ex., paredes estruturais exteriores e interiores, tabiques e pavimentos, etc.).*<sup>58</sup>

<sup>55</sup> Memória descritiva do processo nº 30/13 de julho de 2013, disponibilizada pela SASO da DIE.

<sup>56</sup> Método de Avaliação do Estado de Conservação de Edifícios de Serviços - Instruções de Aplicação. Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo / Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. Lisboa. 2014. Escolheu-se esta referência pela forma sistemática e acessível como o método é apresentado.

<sup>57</sup> Idem, p. 8.

<sup>58</sup> Idem, p. 17.

Constatou-se numa primeira avaliação algum desgaste estrutural do edifício que pode ser resultado da sua antiguidade.

Na cobertura, tendo em consideração o tipo de problemas definidos nos critérios de avaliação para estas estruturas e como referência o exemplo - Revestimento de cobertura inclinada com alguns elementos deteriorados (ex.: telhas ou chapas partidas ou deterioradas), colocando em risco a estanquidade à água”, pode considerar-se que tem anomalias médias, uma vez que em certas zonas do telhado se encontram algumas telhas partidas, bem como algumas rachas resultantes da queda de parte da alvenaria na zona dos beirais, que colocam em risco a impermeabilização da estrutura.

Esta situação, dependendo das condições atmosféricas e da quantidade de chuva, origina no 1º andar, uma acumulação de água em certas zonas do varandim.

Todos estes indícios acentuam a necessidade de uma grande intervenção ao nível do telhado, com a reposição e substituição de algumas telhas, reparação da cobertura e limpeza do sistema de drenagem de águas pluviais.

No que respeita à conservação das paredes exteriores e de acordo com o exemplo “Revestimento de paredes ou muros com manchas de sujidade ou alteração de cor e/ou textura, exigindo limpeza e/ou pintura em áreas limitadas”, considera-se que tem anomalias ligeiras, por se encontrar em razoável estado de conservação apesar de estar deteriorada nalguns pontos, nomeadamente com algumas lacunas, sujidade e falta de tinta.

No interior do edifício, as paredes, à semelhança do que já tinha sido avaliado aquando das intervenções de 2005 e 2013, apresentam nalguns pontos, sinais de avançada degradação, com a podridão das madeiras por fungos devido a humidades resultantes das infiltrações (fig. 8), o que se enquadra na categoria de anomalias graves uma vez que prejudicam o uso e o conforto e requerem trabalhos de difícil execução.



Figura 8- Tecto e paredes da sala  
Fonte: do autor

Relativamente ao tecto, apesar das intervenções a que o edifício foi sujeito em 2005 e 2013, também apresenta sinais de degradação provocada pela podridão das madeiras como resultado das infiltrações, enquadrando-se também na categoria de anomalias graves.

No que se refere à caixilharia e portas de acesso, considera-se que tem anomalias graves, uma vez que apresenta todos os indícios assinalados no exemplo “Caixilharia ou portas com alguns vidros partidos ou outras anomalias, permitindo a entrada de água da chuva.”

Tanto as portas como as janelas são ainda da altura da construção do edifício, em madeira com vidros pequenos apresentando na sua maioria pequenas fissuras.

Foi detetada a falta de massa de vidraceiro em praticamente todas, o que origina a queda e consequente falta de alguns vidros, levando a que, e como solução provisória até se proceder à sua substituição, fossem colocados plásticos no seu lugar para evitar a entrada da chuva.

No que respeita às armaduras das portas e janelas, verifica-se que estão bastante degradadas, nalguns sítios com a madeira apodrecida e com a tinta a descascar, necessitando de uma intervenção urgente, que poderá passar pela sua substituição.

A iluminação da sala é feita sobretudo por luz natural que entra através de doze grandes janelas, de guilhotina a dois níveis e de uma porta envidraçada, que dá para o pátio, o que permite ao visitante uma boa qualidade visual para apreciação das obras. O problema coloca-se se for realizado algum evento noturno naquele espaço, uma vez que a instalação da rede elétrica no rés-do-chão (onde está a coleção) é já muito antiga e só existem duas lâmpadas fluorescentes. No 1º piso a instalação elétrica apesar de ser recente não acrescenta qualquer valor nem melhoria à qualidade visual da sala. O facto de o quadro elétrico estar instalado noutro edifício fora da responsabilidade do MML, também constitui um grande constrangimento. Esta situação implica sempre uma prévia coordenação com a entidade responsável pelo edifício onde está instalado o quadro elétrico, sempre que surja algum problema com a instalação elétrica ou haja necessidade da sua utilização.

Há ainda a questão da utilização por parte do MML de duas salas do edifício<sup>59</sup> adjacente ao edifício da Sala dos Gessos. Esta infraestrutura reveste-se de grande importância para o Museu, uma vez que mantém a ligação com o 1º piso da Sala dos Gessos e é um local a considerar numa possível revitalização daquele espaço. Também aqui se verificam anomalias graves, uma vez que este edifício necessita de grandes obras de reabilitação também ao nível do telhado que não sendo realizadas, poderão ter influência e agravar ainda mais os problemas detetados no telhado do edifício da Sala dos Gessos.

Todas estas situações foram reportadas pela direção do MML à UnApEME, entidade que tem à sua responsabilidade a parte administrativa e financeira do Museu. Os últimos relatórios são datados de final de 2019, tendo sido a situação reiterada em 2020 no relatório anual das necessidades de obras do Museu, a ser incluído no Plano de Obras do Exército para 2021. Contudo, não houve ainda qualquer tipo de desenvolvimento para a resolução dos problemas apresentados.

---

<sup>59</sup> Este edifício pertencia à extinta Direção da Arma de Artilharia.

Sobre esta situação é notória a preocupação existente por parte dos responsáveis do Museu, na sensibilização junto das instâncias superiores, sobre o valor histórico e patrimonial duma coleção deste género. Está-se consciente que com o passar do tempo e um eventual agravamento das condições meteorológicas, esta situação do mau estado do edifício poderá influenciar de uma forma irreversível o futuro da coleção.

### **3.2. Acessibilidades**

A falta de informação relativa ao edifício e ao seu conteúdo foi um dos problemas detetados. Não existe no exterior, qualquer tipo de placas ou de sinalética que informe os visitantes que existe ali uma infraestrutura visitável pertencente ao MML.

Tal como foi referido anteriormente, o edifício onde se encontra a Sala dos Gessos está localizado dentro de uma outra unidade militar independente do edifício do MML. Por isso mesmo, colocam-se constrangimentos ao nível das acessibilidades, uma vez que as visitas à sala dos Gessos só podem ser realizadas através de prévia marcação e reserva.

Esses constrangimentos são incrementados também pelas limitações impostas pela arquitetura. O acesso ao edifício faz-se por duas portas altas, uma no piso térreo e uma na galeria. No piso térreo, a entrada faz-se através de uma porta com um degrau, a partir de um passeio em calçada que se encontra com várias pedras soltas e nalguns sítios com falta delas, o que a juntar à falta de uma pequena rampa, coloca bastantes dificuldades no acesso a pessoas com mobilidade condicionada.

Já dentro do edifício e no que respeita às deslocações dentro da sala, apesar da dimensão das peças, não existe nenhum condicionamento à mobilidade dos visitantes.

No piso superior para aceder ao varandim, que permite ter uma outra panorâmica da exposição, o acesso é feito unicamente por uma escada em ferro no exterior do edifício, não existindo elevador, o que torna praticamente impossível às pessoas com locomoção limitada aceder a este espaço.

### **3.3. Documentação e inventário**

#### **3.3.1. Caracterização e historial de procedimentos e instrumentos documentais**

Neste subcapítulo irá ser abordada a questão dos procedimentos adotados pelo Museu para fazer face às necessidades documentais e de inventariação dos objetos à sua responsabilidade.

Como já foi referido, foi com o Barão de Monte Pedral, em 1848, que foram tomadas as primeiras medidas para proteção e conservação dos objetos que eram produzidos no Arsenal e que se iniciou a elaboração de um inventário dos que seriam remetidos para o Museu. A forma de organização, classificação e conservação do material de guerra que existia nos armazéns e salas de armas do Arsenal facilitou a conduta a ter na classificação e organização das coleções do museu. Veja-se o que era indicado no Regulamento de 1853, no artigo 192º:

[...] *“Todos os objectos, que forem remettidos para esta sala (do museu), serão acompanhados de uma guia, que satisfará aos dizeres do livro de registo (Modelo n.º 55), aonde darão entrada: sendo numerados com o numero que lhes corresponder no mesmo registo”*<sup>60</sup>.

Nesse sentido a organização levada a cabo por Castelbranco pode ser considerada como um marco importante na história do Museu, uma vez que, e de acordo com Mariana Jacob Teixeira, *é com ele que se criam os primeiros livros de registos dos objetos, organizados em 5 volumes, datados de 4 de março de 1884 e a publicação dos primeiros catálogos em 1897 e 1901*<sup>61</sup>. Nesses primeiros livros de registo encontram-se dados referentes à proveniência dos objetos, permitindo datar e verificar a frequência de entradas no museu. Os cinco volumes dos livros de registo de 1884 estabeleceram as bases para a elaboração do primeiro catálogo, datado de 1897. Posteriormente foram ainda produzidos catálogos em 1901, 1902, 1906, 1910, 1916, 1927 e 1930.

Sobre a importância desses catálogos, Maria Teresa Correia afirma:

[...] *o regulamento de 1897*<sup>62</sup>, *que visava colmatar a insuficiência das regras de 1853, dedica os três primeiros artigos à gestão das coleções. Repare-se que o ano deste regulamento coincide com o da 1ª edição do Catálogo do Museu*<sup>63</sup>.

*Os primeiros Catálogos do Museu de Artilharia são fontes fundamentais para conhecer a origem dos objectos. No final da descrição individual de cada peça, divididas por secções, refere-se a sua proveniência: oferta, fabricadas nas oficinas do Arsenal, de Fortalezas ou "achados".*<sup>64</sup>

<sup>60</sup> Regulamento para o Arsenal do Exército. Lisboa: Imprensa Nacional. 1853. p. 4.

<sup>61</sup> TEIXEIRA, Mariana Jacob. *Op. Cit.*, p.41

<sup>62</sup> Publicado no Boletim nº 2 de 28 de Fevereiro de 1897. Boletins do Commando Geral de Artilheria. Lisboa: Imprensa nacional. 1897. p. 17-19.

<sup>63</sup> CORREIA, Maria Teresa. *Op. Cit.*, p. 89.

<sup>64</sup> Idem, p. 74



O ciclo de documentação e inventariação das peças prosseguiu com base nos referidos livros de registos e listagens de material, tendo sido entretanto elaboradas fichas de registo individual de cada peça, utilizadas até finais da década de 70. Já na década de 80, estas fichas de registo foram utilizadas para apoio e complemento das primeiras folhas de carga de todos os objetos museológicos à responsabilidade do Museu, que serviam também como método de controlo e verificação por parte do serviço responsável por todo o material do Exército (Serviço de Material de Instrução – SMATI). Este sistema de controlo do material museológico por parte do SMATI, decorreu até 31 de dezembro de 1988, data da última relação de material museológico enviada para aquele órgão, mantendo-se a gestão da documentação através das folhas de registo individual dos objetos.

No começo de 1999, coincidente com o processo de informatização e tendo como objetivo a modernização do sistema de tratamento e gestão do seu património museológico, o Museu deu início ao processo de aquisição de um software que permitisse dar resposta às necessidades encontradas no que respeita ao registo e inventariação das peças. A escolha recaiu sobre o software sistema de gestão de coleções “Inarte Plus” comercializado pela empresa “Sistemas do Futuro – Multimédia, Gestão e Arte, Lda.”.

A DHCM com o objetivo de normalizar os procedimentos de todos os museus militares à sua responsabilidade elaborou e aprovou em 2008, as *Normas Gerais dos Museus e Coleções Visitáveis do Exército* (NGMCVE), documento criado para regulamentar além da ação de todos os museus sob a sua dependência, todas as coleções visitáveis localizadas noutras Unidades/Estabelecimentos e Órgãos do Exército, observando a estrutura e conteúdo da Lei Quadro dos Museus Portugueses.

Com a criação destas Normas, na sequência da candidatura à credenciação dos museus militares e do diagnóstico das práticas de gestão e documentação das coleções, foi decidido pela DHCM a aquisição de licenças da aplicação informática “Inarte Premium” para todos os museus militares na sua dependência. A decisão por esta aplicação informática tem como justificação o facto do MML já utilizar o “Inarte Plus” desde 1999.

A escolha desta aplicação deveu-se também ao facto de a qualquer momento e mediante as necessidades dos museus militares, poder ser solicitado à empresa “Sistemas do Futuro” que fosse alterada a estrutura de dados, acrescentando novos campos ou tornando invisíveis os campos sem qualquer pertinência para o inventário das coleções militares.

### 3.3.2. Análise à inventariação da coleção de gessos

Reconhecendo a importância da documentação na gestão das coleções, o MML dentro das suas possibilidades e, embora debatendo-se com a falta de recursos humanos nos serviços museológicos, tal como referido no subcapítulo 1.3.1., tem conseguido cumprir com as metas estipuladas pela DHCM relativamente à documentação e inventariação dos seus objetos. Assim, dum universo de 20.000 objetos, tem presentemente cerca de 7.000 devidamente digitalizados e com a respetiva ficha de inventário preenchida de acordo com art.º 19º da Lei-Quadro dos Museus Portugueses<sup>65</sup>.

No que respeita aos restantes 13.000 objetos, cerca de 80% estão registados em fichas manuais e têm ficha de inventário provisória preenchida manualmente, encontrando-se já na fase de digitalização e inserção dos respetivos processos na plataforma.

Relativamente aos restantes 20%, onde estão inseridas as peças constituintes da coleção em estudo, apenas estão escriturados em folhas de registo (fig. 9), encontrando-se na fase de pesquisa e investigação.

Uma das lacunas encontradas no que respeita ao processo de inventariação dos objetos do Museu, é a falta de um manual de procedimentos que permita aos responsáveis pela inventariação fazer o lançamento dos dados de cada peça na plataforma Inarte Premium de uma forma

simples e padronizada. Esta é uma situação que se pretende

corrigir num futuro próximo levando em consideração a proposta de inventariação da coleção em estudo como se irá verificar no próximo capítulo.

A principal dificuldade relativamente ao processo de inventariação da coleção dos gessos tem que ver com a falta de informação e documentação sobre a mesma. Existe informação sobre o modelo da estátua equestre de D. José, devido às muitas publicações sobre a forma

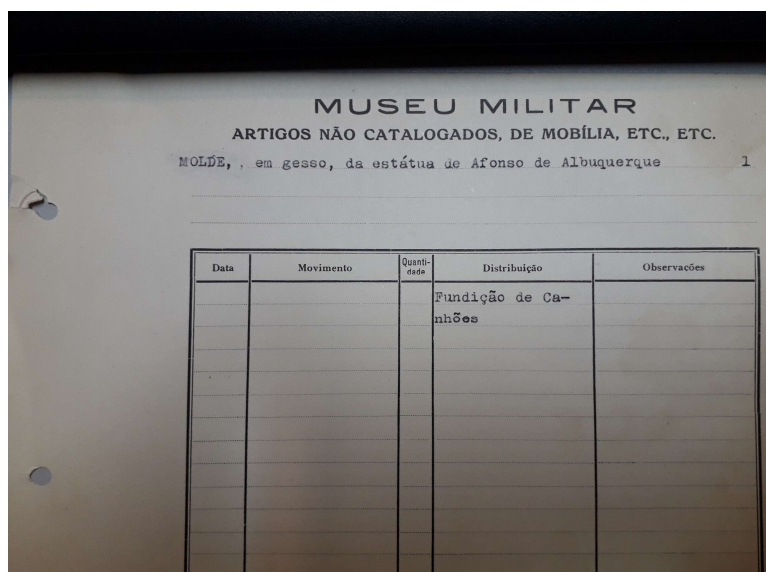
A image of a museum inventory form from the Museu Militar. The form is titled 'MUSEU MILITAR' and 'ARTIGOS NÃO CATALOGADOS, DE MOBÍLIA, ETC., ETC.'. It contains a table with columns for 'Data', 'Movimento', 'Quantidade', 'Distribuição', and 'Observações'. The 'Distribuição' column has the text 'Fundição de Canhões' written in it. The form is numbered '1' in the top right corner.

Figura 9- Folha de registo da estátua de Afonso de Albuquerque  
Fonte: do autor

<sup>65</sup> N.º 1 do art.º 19º - *O museu elabora uma ficha de inventário museológico de cada bem cultural incorporado, acompanhado da respetiva imagem e de acordo com as regras técnicas adequadas à sua natureza.*

como foi realizada e sobre o seu autor, pelo que o trabalho de pesquisa e investigação desta peça não implicou dificuldades de maior.

No que respeita à informação relativa aos outros modelos, surgiram muitas dificuldades no processo de inventariação, uma vez que não foi identificada praticamente nenhuma documentação. Na bibliografia consultada, as informações que foram possíveis reunir dizem geralmente respeito apenas a pequenas referências às estátuas e ao local onde estão os originais em bronze.

### 3.4. Conservação

O principal objetivo de um diagnóstico de conservação é ajudar o museu a avaliar as suas necessidades ambientais, identificar e definir prioridades relativas a situações problemáticas e estabelecer regimes apropriados de manutenção e gestão das coleções.

Segundo as Bases orientadoras, normas e procedimentos do Plano de Conservação Preventiva do Instituto dos Museus e Conservação:

*[...] Podemos definir a conservação preventiva, em traços gerais, como o conjunto de ações que, agindo direta ou indiretamente sobre os bens culturais, visa prevenir ou retardar o inevitável processo de degradação e de envelhecimento desses mesmos bens. Estas ações centram-se sobretudo na premissa de que a conservação preventiva deve ser uma das prioridades das atividades de um museu. A prática continuada e correta de um plano de conservação preventiva assegura a estabilidade dos acervos tornando assim possível o seu estudo, divulgação e exposição.<sup>66</sup>*



Figura 10- Placas informativas da restauração do modelo da estátua de D. José

Neste subcapítulo apresenta-se o diagnóstico realizado ao estado de conservação de cada modelo e uma avaliação dos riscos para a coleção.

Desconhece-se a realização de intervenções de conservação e restauro nas peças da coleção à excepção das que foram realizadas no modelo da estátua Equestre de D. José I. Esta escultura, segundo as placas informativas (Fig.10) colocadas num dos suportes, foi alvo de restauro e da colocação de novas fundações em 19 de agosto de

<sup>66</sup> CAMACHO, Clara Frayão (coord.). *Temas de Museologia: Plano de Conservação Preventiva – Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Instituto dos Museus e Conservação. Lisboa. 2007.

1927. Em novembro de 2005, pelas comemorações dos 250 anos do terramoto e com a realização da exposição “Os Engenheiros Militares e o Terramoto de 1755”, a escultura foi sujeita apenas a uma pequena limpeza e colmatação de pequenas fissuras, intervenção efetuada pela firma “Statua, Lda.”

### 3.4.1. Estado de conservação

A avaliação do estado de conservação das peças foi feita por inspeção visual tendo-se realizado o registo fotográfico das patologias identificadas (Anexo III). O resultado desta avaliação é apresentado na tabela 2. A atribuição do estado geral de conservação de cada peça foi efetuada segundo os cinco níveis de avaliação de estado de conservação fixados no caderno de Normas de Inventário – Escultura: Artes plásticas e artes decorativas<sup>67</sup> e em utilização pelo MML:

- Muito bom: sem qualquer tipo de degradação;
- Bom: apresenta algum desgaste superficial;
- Regular: existência de degradações que não afetem a peça ao nível estrutural;
- Deficiente: existência de degradações em estado avançado e em início de processo de desintegração;
- Mau: elevado grau de deterioração e desintegração da peça em vários fragmentos.

| Designação<br>do modelo              | Patologias |                                 |                                                                                                                  | Estado    |
|--------------------------------------|------------|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
|                                      | Ligeiras   | Médias                          | Graves                                                                                                           |           |
| Estátua Equestre de D. José          | Sujidade.  |                                 |                                                                                                                  | Muito Bom |
| Estátua de José Estevão              | Sujidade.  |                                 | - Fenda na base do modelo.                                                                                       | Bom       |
| Estátua do Génio da Vitória          | Sujidade.  | - Fissuras na zona da armadura. | - Fendas na parte posterior e na base do modelo com perda de material.<br>- Fenda na zona do pescoço e do manto. | Regular   |
| Estátua do Marquês de Sá da Bandeira | Sujidade.  |                                 |                                                                                                                  | Muito bom |

<sup>67</sup> CARVALHO, Maria João Vilhena de. *Normas de Inventário – Escultura: Artes plásticas e artes decorativas*. Direção de Serviços de Inventário/Instituto Português de Museus. 1ª edição. Lisboa.2004, p. 93.

Análise e diagnóstico do espaço expositivo “Sala dos Gessos” e da sua coleção de modelos em gesso à escala natural do Museu Militar de Lisboa

|                                                    |           |                                                                                |                                                                                                                                 |            |
|----------------------------------------------------|-----------|--------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Estátua do Bispo António Alves Martins             | Sujidade. | - Pequenas fissuras na base.                                                   |                                                                                                                                 | Bom        |
| Estátua do Dr. Sousa Martins                       | Sujidade. | - Sinais de fungos na zona do manto                                            | - Fendas na zona do manto e na base com perda de material.<br>- Fenda na zona da mão com perda de material                      | Deficiente |
| Estátua de Afonso de Albuquerque                   | Sujidade. | - Fissura na zona do braço com uma pequena fenda.                              | - Fendas com perda de material na base do modelo e com sinais de fungos.<br>- Modelo partido na zona do pé e das armas.         | Deficiente |
| Estátua de Joaquim Augusto de Aguiar (Mata Frades) | Sujidade. | - Fissuras na zona dos braços.<br>- Alguns sinais de fungos na zona do casaco. | - Grandes fendas na base do modelo.<br>- Fendas na zona das mãos e das pernas.                                                  | Deficiente |
| Estátua do Génio da Independência                  | Sujidade. |                                                                                | - Grandes fendas na parte posterior, na zona das pernas e na base do modelo.<br>- Modelo partido na base com perda de material. | Deficiente |
| Estátua do Duque de Saldanha                       | Sujidade. |                                                                                |                                                                                                                                 | Muito bom  |
| Estátua da Figura da Vitória                       | Sujidade. |                                                                                | - Grande fenda no braço com perda de material.<br>- Fenda na base com perda de material.                                        | Deficiente |
| Estátua de Manuel Fernandes Tomás                  | Sujidade. | - Algumas pequenas fissuras na zona do casaco e na parte posterior do modelo.  |                                                                                                                                 | Regular    |

Tabela 3 – Estado de conservação das peças

Após a análise ao estado de conservação, pode-se concluir que metade das peças apresenta um bom estado.

Nos restantes modelos foram detetadas várias patologias, algumas delas bastante graves, na sua maioria localizadas na base das peças. Esta situação poderá pôr em causa a integridade das peças, caso não seja resolvida em tempo oportuno.

Todos os modelos exibem sinais de sujidade devido à acumulação de poeiras. Esta situação resulta da falta de pessoal habilitado para realizar as necessárias intervenções de limpeza e manutenção, bem como da dificuldade em limpar peças com estas dimensões.

### 3.4.2. Avaliação de riscos para a coleção

As condições de preservação existentes num acervo ditam o futuro das suas peças, podendo prolongar ou diminuir a vida útil de tais objetos. A maior parte dos danos sofridos pelas coleções provém de sistemas de guarda inadequados que decorrem da falta de recursos, espaço, mobiliário, equipamentos e equipas com conhecimento especializado.

Uma correcta metodologia de gestão de risco pode ser usada como um método de tomada de decisão para a conservação preventiva de colecções.

A identificação dos riscos foi feita utilizando a classificação dos 10 agentes de deterioração, que representam ameaças ao património cultural:

- a. Forças Físicas—Foi identificado o risco de queda sobre as peças de partes do edifício devido à falta de manutenção, vibrações, risco sísmico e gravidade. Uma característica intrínseca dos modelos é a de que as cargas se concentram na base, levando ao aparecimento de fendas e quebra após um longo período de tempo, bem como ao aparecimento de fissuras noutras zonas de tensão como já se verifica. Pode considerar-se que a fragilidade do material, devido à posição do gesso na escala de Mohs<sup>68</sup> e as formas, pesos e dimensões das peças as torna frágeis ao manuseamento. Disso mesmo dá conta Raquel Augustin:

*[...] Em virtude da sua posição na escala de dureza de Mohs, o gesso é facilmente riscado ou lascado, sendo muito vulnerável a abrasões. Além disso, as peças deste material, as quais podem ser ocas ou densas, podem possuir áreas de fragilidade derivadas de inconstâncias na densidade da espessura do gesso. Essas áreas são geradas por uma mistura desigual, aplicação irregular ou bolhas de ar.*

*Em sua tabela de níveis de fragilidade, Paul Marcon classifica as esculturas em gesso como extremamente frágeis à manipulação e ao choque. Por conta*

---

<sup>68</sup> A escala de Mohs quantifica a dureza dos materiais de 1 (talco) a 10 (diamante). Segundo esta escala o gesso tem uma dureza 2 (minerais riscáveis com a unha).

*dessas características é de extrema importância o máximo cuidado durante a manipulação e transporte.*<sup>69</sup>

- b. Roubo e vandalismo – Devido à dimensão e ao peso das peças que dificultam a sua deslocação e transporte considera-se o roubo como risco muito pouco provável. Relativamente ao vandalismo e tendo em conta que os visitantes têm uma proximidade muito grande com os objetos, poderá ser considerado como um risco para a coleção, uma vez que as peças são muito suscetíveis à abrasão e à quebra de alguns elementos escultóricos mais frágeis.
- c. Fogo – Não existe qualquer sistema de deteção e prevenção de incêndios na sala onde a coleção está localizada. Esta situação pode assumir-se como um fator de risco relevante, uma vez que os modelos na sua maioria (se não todos), têm uma estrutura interior em madeira, além de que a estrutura do próprio edifício também é constituída por muitos elementos em madeira e outros materiais inflamáveis.
- d. Água – Como já foi referido na análise ao estado de conservação do edifício, consoante o nível de pluviosidade, há uma acumulação de água no varandim do 1º andar. Esta situação já originou a queda de água diretamente em cima do modelo da estátua de Afonso de Albuquerque. Há ainda a considerar a hipótese de haver contacto com os modelos através da condensação uma vez que os índices de humidade presentes na Sala são elevados, como se verá mais à frente.

Sobre esta situação Marta Frade alerta:

*A água pode ser a maior causa de deterioração em obras de artes em gesso e pode estar direta, ou indiretamente, relacionada com a ação do homem, estando esta em grande parte ligada às alterações físicas e químicas. É importante saber a proveniência deste fator de degradação, seja por infiltração, condensação ou ascensão, pois, consoante a sua origem, ocorrem diferentes tipos alterações.*

*[...] Quanto à condensação, a superfície específica, suscetível de ser recoberta de uma fina película de água, é muito grande e as cavidades permitem que gases, mais ou menos saturados de humidade, circulem e provoquem dissolução nos poros.*<sup>70</sup>

- e. Pragas – Não foram detetados indícios da existência de alguma praga na sala. No entanto, também não existe qualquer controlo de pragas naquele espaço. Uma vez

<sup>69</sup> AUGUSTIN, Raquel França Garcia. Conservação preventiva: Acondicionamento e armazenamento da coleção de réplicas em gesso do Museu da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Trabalho de conclusão de graduação em conservação-restauração de bens culturais móveis. Belo Horizonte. Brasil. 2014, p. 30.

<sup>70</sup> FRADE, Marta Alexandra da Costa. *Op. Cit.*, pp. 92-93.

que a estrutura interna das peças é feita de madeira, esta é susceptível a ataque de insetos xilófagos. Existe também a possibilidade da deposição de excrementos de insetos na superfície das peças.

- f. Contaminantes - Todos os modelos exibem sinais de sujidade devido à acumulação de poeiras. Esta situação resulta da falta de pessoal habilitado para realizar as necessárias intervenções de limpeza e manutenção, bem como da dificuldade em limpar peças com estas dimensões, tal como já foi referido anteriormente. O gesso é um material que tende a ser poroso, pois existem micro orifícios abertos na sua estrutura. Os poros funcionam como espaços adequados à deposição de poeiras e sujidades, o que em conjugação com a humidade existente, contribui para um maior grau de deterioração das peças, tal como referiu Marta Frade:

*Uma das patologias mais comuns é a deposição superficial de poeiras que, em contacto com a humidade, poderá converter-se numa camada mais compacta de sujidade. Em ambientes mais escuros e fechados esta camada pode ajudar na proliferação de fungos, bactérias e líquenes. Estes últimos apresentam uma aparência ramificada ao longo do gesso acabando, por vezes, por impulsionar o gesso, gerando fissuras e fendas.<sup>71</sup>*

- g. Luz visível e radiação ultravioleta – Tendo em conta que o gesso não é suscetível à luz, não se considera este, um fator de risco.
- h. Temperatura incorreta - Foi feita uma monitorização dos valores da temperatura e da humidade relativa na Sala dos Gessos através de medições bi-diárias com um termo-higrómetro, no período compreendido entre 1 de março e 30 de abril de 2021 (Apêndice I). Para se conseguir uma caracterização ambiental correta da sala seria necessário haver uma monitorização contínua desses valores durante um período de tempo alargado. Assim, os valores obtidos foram utilizados meramente como referência e verificação de variações desses parâmetros. Pela análise dos dados recolhidos pode verificar-se que existe uma grande amplitude térmica na sala. Para obtenção de dados que permitissem uma maior clareza nos resultados e elaborar um correto diagnóstico da caracterização ambiental do local, seria necessário, como já foi referido, que se fizessem registos contínuos dos valores. Tendo em conta que alguns (se não todos) os modelos têm uma estrutura interior em madeira e uma malha metálica, estas variações podem revelar-se bastante danosas.

---

<sup>71</sup> FRADE, Marta Alexandra da Costa. *Op. Cit.*, p. 93.



- i. Humidade relativa incorreta—À semelhança do que acontece com os valores de temperatura, só com uma monitorização e registo contínuo da humidade relativa, poder-se-á fazer uma caracterização ambiental correta do espaço. Os dados obtidos revelam elevados valores de humidade relativa que poderão ter influência direta no estado de conservação dos modelos. Sobre este aspeto, Raquel Augustin refere:

*[...] O gesso endurecido continua a ser levemente solúvel em água, portanto a exposição a altos índices de humidade pode causar amolecimento do material. Por conta disso é imprescindível evitar o contacto direto com a água, pois a peça pode se tornar altamente solúvel e perder a sua forma.*<sup>72</sup>

Para além disso, esta situação poderá provocar problemas de saturação e consequente condensação, como se referiu anteriormente. Os índices de humidade relativa elevados, bem como a falta de ventilação do local conduziram ao aparecimento de fungos sobre algumas peças, tal como se apresentou no sub-capítulo anterior.

Marta Frade chama a atenção para o facto *que certas colecções podem ter-se adaptado ao clima do local, onde se encontram há vários anos*<sup>73</sup>, e apresenta como exemplo disso precisamente, a escultura equestre de D. José I, que se encontra no mesmo local, desde a sua criação e o facto de não existirem quaisquer medições de humidade e temperatura ao edifício. A mesma autora destaca ainda que:

*[...] Deve-se ter sempre em consideração que se as esculturas se encontram num determinado local durante muito tempo, vão-se adaptando aos seus valores de temperatura e humidade relativa, acabando por estabilizar e entrar em equilíbrio com o meio.*<sup>74</sup>

- j. Dissociação – Nesta coleção este é um fator bastante relevante uma vez que, à excepção da estátua equestre que se encontra bem documentada, não existe praticamente nenhuma informação sobre os outros modelos.

### 3.5. Interpretação e exposição

Neste ponto levantam-se muitas dúvidas sobre o local onde as estátuas foram modeladas, como aparecem expostas na atual localização e qual o sentido da sua disposição na sala.

---

<sup>72</sup> AUGUSTIN, Raquel França Garcia. *Op. Cit.*, p. 33.

<sup>73</sup> FRADE, Marta Alexandra da Costa. *Op. Cit.*, p. 104.

<sup>74</sup> FRADE, Marta Alexandra da Costa. *Op. Cit.*, p. 106.

Das referências que se identificaram sobre as peças, consegue saber-se, através dos artigos<sup>75</sup> do Sr. Coronel Casimiro Dias Morgado que:

*[...] Teria sido nesta fase<sup>76</sup> que, no período de 1911 a 1913, se fundiriam ali (Fundição de Cima) algumas das estátuas, em bronze (cujos modelos em estuque se conservam na “Sala das Estátuas” da extinta D.A.A. (Direção da Arma de Artilharia)).*

Casimiro Morgado faz ainda referência aos modelos que foram fundidos<sup>77</sup> nas instalações da Fundição de Cima, identificando-os e informando sobre quem foram os seus autores.

Não havendo mais nenhuma menção aos modelos em questão e não existindo nenhuma informação concreta que permita assegurar com toda a certeza o local onde as peças foram modeladas, supõe-se que esse trabalho poderá ter sido executado nas instalações da Fundição de Cima, tendo com base a dimensão das peças e as dificuldades de transporte das mesmas para o local onde se procedeu à sua fundição em bronze.

Na folha n.º 156 do livro de registos n.º 2 de 1884 (Anexo IV), encontra-se a seguinte informação que poderá corroborar este entendimento, *modelos em gesso da estátua que coroa o monumento elevado na praça dos Remulares<sup>78</sup> à memória do Duque da 3ª.*

Estando referido nas observações do mesmo registo que:

*Foi o primeiro modelo<sup>79</sup> feito pelo escultor Simões d’Almeida Junior e servio para a comissão encarregada de erigir o monumento formar ideia do projecto. Esta mesma estatua servio para por ella se modelar a outra em ponto maior que servio de molde para se fundir em bronze.*

*Recebida da Direção geral d’artilheria, em virtude do determinado em officio do ministério da guerra de 28 de julho de 1877.*

Com base nesta informação, pode depreender-se que as peças estariam nas dependências da Direção da Arma de Artilharia (ex-Direcção Geral d’Artilharia) na Fundição de Cima e

<sup>75</sup> “Artigos da autoria do coronel Casimiro Dias Morgado: “Execução de estátuas de bronze numa fundição de Artilharia do Exército”. Arquivo Histórico Militar, PT/AHM/DIV/3/14/5/27.” p. 10.

<sup>76</sup> A fase a que se refere o autor tem a ver com a 1ª reorganização republicana (1911), em que o Arsenal do Exército passou a ter na sua dependência apenas três estabelecimentos fabris: a Fábrica de Pólvora sem Fumo, a Fábrica de Pólvora Negra e a Fábrica de Material de Guerra (de Braço de Prata), desaparecendo assim a Fábrica de Material de Artilharia, a qual entraria em regime de extinção por alguns anos. Idem, p. 10

<sup>77</sup> “Artigos da autoria do coronel Casimiro Dias Morgado: “Execução da estátua de D. José I e outras”. Arquivo Histórico Militar, PT/AHM/DIV/3/14/5/27.”, pp. 11-12.

<sup>78</sup> De acordo com o lisipógrafo Noberto de Araújo, a configuração desta praça dos «Remolares», era muito diferente da actual. [...] Na denominação municipal «Cais do Sodré é a larga zona que abrange o Jardim Roque Gameiro e vai desde a Estação da linha Estoril-Cascais até ao Corpo Santo», e ainda que a designação «Cais do Sodré» ou «Praça dos Remolares» foram comuns antes de se erguer a estátua do Duque da Terceira.(Noberto de Araújo, Peregrinações em Lisboa, vol. XIII, p. 40)

<sup>79</sup> Este modelo não faz parte da coleção em estudo.

que a sua colocação/arrumação no local onde estão atualmente, poderá ter resultado da necessidade de serem armazenadas num único sítio à medida que iam sendo fundidos os originais em bronze. Pode compreender-se que o motivo que levou à escolha do edifício da Sala dos Gessos para se guardarem os modelos terá que ver com o facto de já existir uma estrutura, construída propositadamente para a concepção da estátua equestre de D. José I, onde se encontrava guardado o seu modelo em gesso.

No que toca à colocação das peças verifica-se que estão aparentemente distribuídas de forma aleatória, tendo sido, possivelmente, colocadas de acordo com os espaços disponíveis da sala. Tentou-se, contudo, encontrar um fio condutor que permitisse identificar a sequência de entrada e colocação das peças na sala (Apêndice II). Assim, tendo em consideração a sua disposição e relacionando-a com as datas conhecidas da sua fundição, depreende-se que, tomando como ponto de partida a estátua equestre, foram ocupados em primeiro lugar os cantos da sala com os modelos mais antigos e posteriormente foram sendo ocupados os restantes espaços da sala. Junto à entrada pode entender-se que foram colocados de cada lado os modelos da estátua do Duque de Saldanha e da estátua da figura da Vitória por fazerem parte do mesmo monumento. Esta distribuição, que não obedece a um discurso expositivo definido, sem uma orientação cronológica, temática ou segundo outro critério, pode resultar, para o visitante, na sensação de que o espaço consiste unicamente numa sala de armazenagem/arrumos e não numa sala de exposição.

Relativamente à colocação individual das peças, verifica-se que à exceção do modelo da estátua equestre de D. José que está assente sobre uma base em cimento, todas as outras peças estão colocadas diretamente no chão, sendo que na maioria delas foi pintado um friso em castanho a imitar uma base.

Quanto à informação disponibilizada sobre os modelos, existe unicamente uma folha de sala à entrada com a identificação de cada uma das peças e, junto de cada uma, placas individuais com a identificação da personagem representada, localização da peça em bronze, o autor e o local de fundição (fig. 11). Não existe mais nenhuma informação que possa auxiliar os visitantes, como por exemplo, plantas de localização de cada peça na sala ou tabelas com informação sobre as personagens representadas, autores e contexto de produção.



Figura 11- Placa identificativa da Estátua do Marquês de Sá da Bandeira

Fonte: do autor

## **4. APRESENTAÇÃO DE PROPOSTAS**

### **4.1. Contributos para a normalização dos critérios de inventariação da coleção de modelos em gesso**

Como vimos anteriormente, os modelos em gesso não se encontram inventariados. Sabendo que o inventário constitui o primeiro elemento de documentação científica dos objetos e que é o instrumento basilar da sua gestão, valorização e divulgação, esta etapa afirma-se fundamental. Assim apresenta-se neste subcapítulo, uma proposta de ficha de inventário que possa servir como referência para uma uniformização da informação que se pretende registar. Esta proposta tem como ponto de partida o modelo da estátua equestre de D. José, embora se perspetive a sua aplicação na inventariação dos restantes modelos da coleção.

Assim, este sub-capítulo organiza-se em duas partes fundamentais. Uma primeira onde se apresenta o que a Lei-quadro dos Museus Portugueses preconiza em matéria de inventário e que fornece o enquadramento desta função e, uma segunda parte onde se apresenta uma proposta de ficha de inventário, tendo como referência o sistema “In Arte” utilizado no inventário do Museu Militar.

#### **4.1.1. O inventário e a documentação segundo a Lei-Quadro dos Museus Portugueses**

*Inventariar é criar uma identidade. O acto do inventário dá nomes às coisas, divulga os objectos quando os regista, preserva-lhes a memória material e conceptual, arruma-os, disponibilizando essa memória num sistema de catalogação.*<sup>80</sup>

A inventariação e documentação dos objetos museológicos é fundamental para permitir o desenvolvimento das restantes tarefas de um museu, como o estudo, a conservação, a exposição para educação e fruição do acervo, constituindo uma etapa importante dentro do processo museológico<sup>81</sup>. É a partir destas funções museológicas que se identificam e se atribui um significado aos objetos, resultando na sistematização das coleções e na formação de acervo coerente.

O inventário reveste-se de vários procedimentos de modo a uniformizar medidas tendentes à integração num circuito de rápida transmissão de dados, e, consequentemente a uma

---

<sup>80</sup> CARVALHO, Maria João Vilhena de. *Op. Cit.*, p. 13.

<sup>81</sup> USILLOS, Andrés Gutiérrez. *Museología y documentación – Criterios para la definición de un proyecto de documentación en museos*. Ediciones Trea, S.L. 2010. pp. 130-139.

maior divulgação da informação potenciadora de uma mais vasta rede de educação, princípio essencial de um museu<sup>82</sup>.

Segundo o artº. 16º da Lei-quadro dos Museus Portugueses<sup>83</sup>, o inventário museológico:

*1 – [...] é a relação exhaustiva dos bens culturais que constituem o acervo próprio de cada museu, independentemente da modalidade de incorporação.*

*2 – [...] visa a identificação e individualização de cada bem cultural e integra a respectiva documentação de acordo com as normas técnicas mais adequadas à sua natureza e características.*

*3 – [...] estrutura-se de forma a assegurar a compatibilização com o inventário geral do património cultural, do inventário de bens particulares e do inventário de bens públicos, previstos nos artigos 61.º a 63.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro.*

A referida Lei além de prever a obrigatoriedade do inventário, prevê ainda o seu registo informatizado de modo a ampliar a divulgação desses dados ao maior número de públicos interessados:

A ficha de inventário propriamente dita, compreende diversos campos, ultrapassando o simples registo de um objeto incorporado. A Lei-quadro<sup>84</sup> propõe:

*Ficha de inventário*

*1 - O museu elabora uma ficha de inventário museológico de cada bem cultural incorporado, acompanhado da respetiva imagem e de acordo com as regras técnicas adequadas à sua natureza.*

*2 - A ficha de inventário museológico integra necessariamente os seguintes elementos:*

- a) Número de inventário;*
- b) Nome da instituição;*
- c) Denominação ou título;*
- d) Autoria, quando aplicável;*
- e) Datação;*
- f) Material, meio e suporte, quando aplicável;*
- g) Dimensões;*
- h) Descrição;*

---

<sup>82</sup> NOGUEIRO, Maria Emília Pires. *Museu Militar de Bragança – Fundação; Práticas Museológicas*. Dissertação de Mestrado do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Museologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.2009.pp. 61-63.

<sup>83</sup> Lei n.º 47/2004 de 19 de agosto, publicada no Diário da República n.º 195, Iª série, de 19 de agosto de 2004.

<sup>84</sup> Idem, artigo 19º.

- i) Localização;*
- j) Historial;*
- l) Modalidade de incorporação;*
- m) Data de incorporação.*

#### **4.1.2. Proposta de procedimentos de inventariação**

O Módulo Inventário diz respeito à estrutura de dados - categorias de informação e, constitui-se como o módulo central do sistema “In Arte” que vai interagir com os outros módulos e com as tarefas existentes que lhes estão associadas nas aplicações da plataforma.

Apresenta duas áreas distintas com os respetivos campos para preenchimento que são o Cabeçalho e as Informações Específicas.

Neste subcapítulo, irá ser apresentada a proposta de ficha de inventário para o modelo da Estátua Equestre de D. José (Apêndice III), com a descrição do modo de preenchimento dos campos referidos anteriormente, bem como, dos critérios a aplicar a cada grupo de informação, tendo por base o manual de procedimentos da Base de Dados Inarte Premium e as Normas de Inventário - Escultura da DGPC.

##### **4.1.2.1. Cabeçalho**

###### **- N° Inventário:**

O campo “Número de Inventário” é de preenchimento obrigatório e irrepitível, como tal, não é possível gravar duas fichas no InArte com o mesmo número de inventário.

O sistema de numeração do Museu é alfanumérico e sequencial, constituído por um número de série contínuo composto por 5 dígitos antecidos da sigla da instituição MML.  
Ex: MML07065.

###### **- Designação:**

Neste campo é atribuído o nome comum do objeto museológico, normalmente tendo em conta a função do mesmo. No caso das peças em estudo, definiu-se a designação como “Modelo em gesso”, uma vez que se trata de uma coleção de modelos em gesso que serviram posteriormente para a realização e fundição das respetivas peças em bronze.

**- Título:**

O título refere-se à designação específica de cada objeto. Trata-se de uma denominação pela qual cada peça se tornou conhecida. No caso desta coleção optou-se por atribuir a seguinte designação - “Estátua” seguida do nome da personagem representada.

Ex: Estátua Equestre de D. José I.

**- Descrição:**

Neste campo deve ser feita uma descrição da peça partindo do geral para o particular e anotando as suas características específicas, como os temas tratados, a estrutura e os elementos existentes na decoração. A descrição deve ser concisa e objetiva de modo a permitir a quem leia, uma visualização o mais clara possível do objeto descrito.

Em Normas de Inventário - Escultura<sup>85</sup> é sugerida que a sequência descritiva seja orientada pelo seguinte esquema:

- . Atitude geral (de pé; sentado; ajoelhado; deitado);
- . Posição do corpo e/ou da cabeça (frontal; com a cabeça inclinada para a direita; com a cabeça inclinada para a esquerda; com a cabeça voltada para o alto; com a cabeça voltada para baixo; orante; de mãos erguidas; de mãos postas...);
- . Atributos e símbolos;
- . Indumentária;
- . Particulares - mão direita, mão esquerda, base, outras zonas, individualização e caracterização (deve incluir a referência às coroas, aos resplendores, aos brincos, aos fios e pendentes, às auréolas, aos vestidos nas imagens de vestir e nas imagens de roca).

Ex: Modelo em gesso que representa o rei D. José I montado num cavalo em pose “Piaffer”. O cavalo cujo o modelo foi tirado de um cavalo proveniente da Coudelaria Real de Alter do Chão, apresenta a cauda e a crina entrançadas bem como os respetivos arreios trabalhados e com alguns enfeites. A figura do rei surge montada numa sela portuguesa, em traje militar, com armadura e com um manto da Ordem de Cristo sobre os ombros, de costas direitas e cabeça erguida, virada ligeiramente para o seu lado direito. Nas mãos desnudas são visíveis os punhos de renda, com a mão direita a segurar o ceptro real encimado por uma estrela e ornado por folhas de acanto. Na mão esquerda segura as rédeas da montada. No lado esquerdo, junto à perna, tem embainhada uma espada típica do séc. XV. Na cabeça apresenta um capacete emplumado como proteção.<sup>86</sup>

---

<sup>85</sup> CARVALHO, Maria João Vilhena de. *Op. Cit.*, pp. 63-65.

<sup>86</sup> As descrições das estátuas finais, constantes no inventário SIPA (Sistema de Informação para o Património Arqueológico, disponível em <http://www.monumentos.gov.pt>), podem servir como referência para este trabalho.

#### 4.1.2.2. Informações Específicas

Esta área é composta por um conjunto de vários grupos que permitem o registo de informação mais detalhada sobre os objetos inventariados.

##### **- Autorias:**

Neste campo é incluído o registo de todas as autorias e autores conhecidos da peça em análise. São permitidos vários registos para que não tenha de ser excluído qualquer autor, ou tipo de autoria, por mais irrelevante que possa parecer.

Neste estudo considera-se o autor do modelo em gesso, bem como, o autor da fundição da peça em bronze.

O nome deverá ser escrito da seguinte forma: APELIDO, Primeiros nomes.

| <b>Autor:</b>               | <b>Tipo de autoria:</b> |
|-----------------------------|-------------------------|
| CASTRO, Joaquim Machado de. | Escultor                |
| COSTA, Bartolomeu da.       | Fundidor                |

##### **- Categorias:**

Neste campo são registados os dados sobre a categoria em que se inserem os objetos inventariados. Nas tabelas auxiliares só estão previstas a “Área”, a qual se considera como sendo de “Artes plásticas / Artes decorativas”, uma vez que diz respeito à apresentação das regras de catalogação da família Escultura, em todas as variantes do género e nas diferentes espécies, à semelhança do campo “Super Categoria” do programa Matriz.

Na “Categoria”, que diz respeito ao grupo de objetos, a partir da sua tipologia, considera-se como “Escultura” uma vez que e segundo a definição nas Normas de Inventário para Escultura da DGPC, “*é um objecto artístico tridimensional que ocupa um determinado espaço com os seus volumes.*”<sup>87</sup>

Considera-se que para uma informação mais completa deva ser inserida a “Subcategoria” a que o objeto pertence, que no caso concreto se considera como “Escultura de vulto - Estátua equestre”<sup>88</sup>.

O campo da justificação será para a inscrição de notas justificativas da atribuição de determinada categoria a um objeto.

<sup>87</sup> CARVALHO, Maria João Vilhena de., *Op. Cit.*, pp.17-18.

<sup>88</sup> Estátua (termo específico do geral Estatuária) é toda a escultura de vulto que representa uma figura completa (homem, animal, híbrido) de pé, sentada, ajoelhada ou deitada, em qualquer material (madeira, gesso, barro, pedra, mármore, metal, etc.). [...] A estátua que representa um homem a cavalo denomina-se estátua equestre.(CARVALHO, Maria João Vilhena de. *Op. Cit.*, p. 20.)



| Área:                              | Categoria: | Subcategoria:                            | Justificação: |
|------------------------------------|------------|------------------------------------------|---------------|
| Artes plásticas/ Artes decorativas | Escultura  | Escultura de vulto -<br>Estátua equestre |               |

### **- Coleções -**

Neste campo são registados os dados relativos à coleção de que a peça faz parte. No caso em estudo considera-se o tipo de coleção, como modelos em gesso, porque além de terem em comum o material com que foram produzidos, são peças que foram reunidas num mesmo espaço e preservadas pelo seu valor histórico e pela sua importância estética e educativa no panorama da estatuária em Portugal. Na justificação irá ser considerada a relação que existe entre cada peça e a coleção, que neste caso concreto é o local onde estão expostas.

| Tipo de coleção: | Justificação:                   |
|------------------|---------------------------------|
| Modelos em gesso | Em exposição na Sala dos Gessos |

### **- Cronologia -**

Neste grupo de informação são registadas as datas que compõem a história e o percurso do objeto. Na proposta apresentada considera-se como data inicial, a data em que a peça começou a ser produzida e a data final, a data em que a peça ficou pronta, complementando a informação com a época a que dizem respeito estes trabalhos. Na justificação será inscrita a razão da atribuição das datas. No caso concreto será inscrita a documentação que suporta a atribuição das datas.

No que respeita às outras peças da coleção, só há conhecimento da data em que ficou finalizada, a qual irá ser considerada como a data final. Para essas peças, uma vez que na sua maioria estão datadas no próprio modelo, será essa a justificação da atribuição da mesma.

Quando não existir conhecimento nem informação das datas, coloca-se a expressão “desconhecida”.

| Data inicial:         | Data final:         | Época:                  | Justificação:                                                                                                                                                |
|-----------------------|---------------------|-------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 16 de Outubro de 1771 | 10 de Março de 1772 | 2ª metade do séc. XVIII | CASTRO, Machado de. <i>Descrição analytica da estatua equestre erigida em Lisboa à glória do Senhor Rei Fidelissimo D. José I.</i> Lisboa: Imp. Regia, 1810. |

### **- Estados –**

Neste campo é tratada a informação sobre os estados relativos à forma, conservação ou funcionamento de cada peça. No presente estudo, como não há qualquer informação anterior sobre o estado das peças, consideram-se os estados definidos pelos parâmetros referidos anteriormente no ponto 3.4.1 – Estado de conservação, do presente relatório, com a data da última avaliação.

| <b>Estado de conservação:</b> | <b>Data do Estado:</b> |
|-------------------------------|------------------------|
| Muito bom                     | 21 de abril de 2021    |

### **- Localizações –**

Neste campo é registada a localização concreta do objeto no imóvel, na data em que foi feito o levantamento. Permite ainda a criação de um histórico dos vários sítios dentro e fora do Museu onde o objeto esteve localizado, possibilitando a informação sobre a localização de cada objeto em determinada data.

No caso desta coleção em particular considera-se a data de 21 de abril de 2021, que foi a data do último levantamento, apesar de os modelos em exposição se encontrarem, desde que foram finalizados, sempre na mesma localização (Sala dos Gessos).

| <b>Tipo de localização:</b>   | <b>Localização habitual:</b> | <b>Data da localização:</b> |
|-------------------------------|------------------------------|-----------------------------|
| Interna/MML – Sala dos Gessos | Sim                          | 21 de abril de 2021         |

### **- Materiais –**

Neste campo são registados os materiais existentes nas peças, ou seja, no seu suporte e nos seus componentes físicos, permitindo a inclusão de mais do que um registo para que não seja excluído nenhum tipo de material.

No caso destas estátuas além do elemento principal que é o gesso, consideram-se também os seus elementos de suporte, a madeira e o ferro, que constituem a sua estrutura interna. Caso não se consiga distinguir ou não se consiga identificar a cor dos materiais, coloca-se a expressão não identificada.

| <b>Materiais:</b> | <b>Cor:</b>      |
|-------------------|------------------|
| Gesso             | Branca           |
| Ferro             | Não identificada |
| Madeira           | Não identificada |

### **- Medidas –**

Este grupo de informação é para o registo das medidas dos objetos que possam ser relevantes para o seu estudo, conservação, embalagem, transporte, exposição e armazenamento.

No caso da peça em estudo e da coleção dos modelos em gesso, uma vez que não se prevê a sua deslocação para outra localização, devido às suas grandes dimensões, vão ser unicamente considerados os valores da altura, do comprimento e da profundidade.

Em relação ao peso, é considerado o peso total da peça.

Caso não exista informação de qualquer uma das medidas, preenche-se o respetivo campo com a expressão “desconhecido (a)”<sup>89</sup>.

| <b>Tipo de medida:</b> | <b>Valor:</b> | <b>Unidade de medida:</b> |
|------------------------|---------------|---------------------------|
| Altura                 | 6,93 m        | m (metros)                |
| Comprimento            | 4,83 m        | m (metros)                |
| Profundidade           | 2,14 m        | m (metros)                |
| Peso                   | Desconhecido  | Kg (kilogramas)           |

### **- Proprietários –**

Neste campo é registado o proprietário da peça, neste caso, o Museu Militar de Lisboa. Considera-se a data em que ocorreu a incorporação, que coincide com a data de criação do Museu de Artilharia<sup>90</sup>, antecessor do Museu Militar de Lisboa. Caso exista informação que complemente os dados anteriores será inscrita no campo referente às Notas.

| <b>Proprietário:</b>    | <b>Data:</b> | <b>Notas:</b>                           |
|-------------------------|--------------|-----------------------------------------|
| Museu Militar de Lisboa | 1851         | Data da criação do Museu de Artilharia. |

### **- Incorporação –**

Neste campo é registada a forma de incorporação das peças. No caso desta coleção todas as peças foram incorporadas através de transferência, considerando-se para a Estátua Equestre a data de 1851, data da criação do Museu da Artilharia. No caso das outras peças como não existe qualquer informação sobre a data de incorporação, será inscrita a expressão “desconhecida” no campo da data.

<sup>89</sup> Como algumas peças têm o peso indicado na obra, e uma vez que de momento não é possível pesá-las, será esse o valor considerado.

<sup>90</sup> A transferência de responsabilidades sobre os bens patrimoniais, do Real Arsenal do Exército para o Museu da Artilharia (criado por decreto Real de 1851), ocorreu no cumprimento das medidas de proteção e conservação dos testemunhos artísticos, industriais e militares produzidos no Real Arsenal do Exército, tomadas em 1842 pelo Barão de Monte Pedral, que para além de organizar um espaço para acolher as coleções, ordenou a realização de um inventário dos objetos que seriam remetidos para o Museu (onde se inclui o modelo em gesso da Estátua Equestre).

| <b>Tipo de incorporação:</b> | <b>Data:</b> | <b>Notas:</b>                          |
|------------------------------|--------------|----------------------------------------|
| Por transferência            | 1851         | Data da criação do Museu de Artilharia |

**- Inventariantes –**

Neste campo são inseridos os dados referente aos inventariantes, permitindo criar um histórico sobre quem inventaria, atualiza, altera e revê a informação da ficha. Neste caso é a identificação do autor deste estudo que criou as fichas de inventário na plataforma InArte Premium.

| <b>Inventariante:</b> | <b>Data:</b>        |
|-----------------------|---------------------|
| Major Calado          | 07 de Junho de 2021 |

**- Historial –** Neste campo irá ser apresentado um breve enquadramento histórico e historial das peças, desde o seu projeto em desenho até à sua fundição em bronze. (ver apêndice III)

**- Bibliografia –** Coloca-se neste campo toda a bibliografia relevante e que contém informações concretas do objeto em estudo e que serve de suporte ao enquadramento histórico e ao historial das peças. A norma utilizada é a Norma Portuguesa 405 (NP 405). (Apêndice III)

#### **4.2. Proposta de atuação para resolução das carências e dos problemas identificados**

Neste subcapítulo pretende-se apresentar as propostas de modalidades de ação a desenvolver pelo MML com o objetivo de resolver as carências e os problemas encontrados no diagnóstico que foi efetuado ao edifício e à coleção dos modelos em gesso. Para tal dividiu-se as ações a desenvolver pelo MML em dois períodos distintos. O primeiro diz respeito às atividades que podem ser realizadas num período imediato já que dependem unicamente dos serviços museológicos e dos serviços de apoio do Museu, podendo ser resolvidas pelos seus funcionários. No segundo, que se estenderá no tempo, a médio/longo prazo, as ações a desenvolver não dependem só dos meios disponibilizados pelo MML, mas requerem a intervenção de outras entidades e consequente disponibilização de outros meios, tanto financeiros como de pessoal especializado.

Relativamente aos trabalhos a desenvolver num primeiro período e relativamente no edifício, até à realização de intervenções mais profundas ao nível da estrutura, sugerem-se os seguintes:

- Limpeza e manutenção do espaço, trabalhos a serem incluídos no plano de limpeza e manutenção regulares do Museu;
- Monitorização do estado de conservação do edifício com a elaboração de relatórios de avaliação a cada seis meses, nomeadamente no final do período de Outono/Inverno e Primavera/Verão;
- Nos dias de maior pluviosidade verificar e tentar minimizar a acumulação de água nos locais críticos do edifício;
- Monitorização ambiental (HR e temperatura) de forma contínua na Sala;
- Monitorização (e se necessário controlo) de pragas.

Em relação às atividades a desenvolver no imediato pelos funcionários do Museu, para melhoria da gestão, acesso e exposição da coleção poderão ser tomadas as seguintes medidas:

- Conclusão do processo de inventariação da coleção seguindo os procedimentos propostos no sub-capítulo anterior;
- Melhoria do discurso expositivo, através da introdução de folhas de sala com a identificação e localização de cada modelo;
- Colocação de tabelas junto a cada uma das peças, com a identificação de cada personagem e um breve historial da mesma, de quem foi o escultor responsável, da data da sua realização e a da localização do original em bronze;
- Introdução de painéis com textos de apoio, com breves biografias de cada escultor e com o historial do edifício e do conjunto onde está inserido;
- Introdução de sinalética com informação sobre a existência da exposição;
- Divulgação do espaço e da coleção através dos canais digitais do MML, como a página oficial do *Facebook* e a página oficial do *Instagram*.

A médio / longo prazo deve-se dar prioridade à resolução dos problemas estruturais do edifício. As ações a desenvolver serão sempre em coordenação com a DHCM, uma vez que é o órgão que tutela o Museu, terão de passar pela avaliação técnica da DIE, entidade responsável pelas obras e infraestruturas no Exército e dependerão do aval da UnApEME, entidade responsável pela parte administrativa e financeira do MML. A referida avaliação técnica deverá ser considerada como ponto de partida e tomada de decisão. Ou seja, a elaboração de relatórios técnicos mais detalhados sobre o estado de conservação do edifício, irá permitir um planeamento correto das intervenções a realizar, bem como servir como um sinal de alerta para as chefias, sobre a importância e necessidade em manter-se aquela infraestrutura nas devidas condições de funcionamento e assegurar a continuidade

de um importante imóvel com interesse histórico. A este respeito, entende-se que a DHCM deverá encetar contactos com a DGPC para dar início ao processo de classificação do conjunto de edifícios que fizeram parte constituinte da antiga Fundação de Cima, tendo como justificação o edifício onde se encontra o modelo que deu origem à estátua equestre de D. José.

Das intervenções a realizar, destaca-se como primeira prioridade, a reabilitação do telhado do edifício da Sala dos Gessos, uma vez que a maioria dos problemas diagnosticados decorrem do mau estado daquela estrutura. Só após o arranjo integral do telhado se poderá equacionar as obras de reabilitação das paredes e tetos e proceder-se à substituição dos vidros e da caixilharia das portas e das janelas. Tendo em conta a avaliação de riscos feita anteriormente, deveria ser considerada a instalação de um sistema de deteção e prevenção de incêndios e a instalação de um sistema de ventilação e filtragem que permita a renovação do ar, de forma a minimizar, por exemplo, o desenvolvimento de fungos.

Outro dos problemas detetados foi o da iluminação no piso onde se encontra a coleção. A sua resolução poderá passar pela instalação de uma nova rede elétrica, com mais fontes de luz (lâmpadas e projetores), de maneira a melhorar a qualidade visual da exposição, dando simultaneamente maior destaque às peças, podendo equacionar-se a utilização de LEDs, uma vez que permitem esquemas de iluminação mais versáteis e representam uma economia de energia por terem maior eficiência energética<sup>91</sup>. Por outro lado, deve-se considerar a instalação de um quadro elétrico naquele espaço, uma vez que um dos constrangimentos detetados foi o facto do quadro elétrico se encontrar noutro edifício independente da Sala dos Gessos.

Existe também a necessidade da construção de uma rampa de acesso na porta de entrada da sala, de maneira a permitir uma maior mobilidade aos visitantes.

Como já foi referido anteriormente, há ainda a considerar o interesse do MML na utilização de duas salas do edifício adjacente como forma de revitalizar aquele espaço. A situação é idêntica à do edifício da Sala dos Gessos e passa pelo arranjo integral do telhado. Nas salas os problemas detetados são de fácil resolução e têm que ver com a pintura das paredes e dos tetos e a substituição de alguma caixilharia e de alguns vidros.

Ao nível da coleção propriamente dita, poderão ser realizadas parcerias com outras entidades, como a Faculdade de Belas-Artes, a Universidade Nova de Lisboa, através do seu departamento de conservação e restauro e com o Instituto José de Figueiredo, através

---

<sup>91</sup> FERRAZ, Ângela. Sustentabilidade ambiental em exposições: os desafios da conservação preventiva, in BAIÃO, Joana e MATOS, Lúcia Almeida (coord), *Estratégias de Exposição - História e Práticas Recentes*, IV Fórum Ibérico de Estudos Museológicos, Lisboa, Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2021, pp. 89-90.

de protocolos de colaboração, dando a possibilidade da realização de estágios pelos alunos da área de conservação e restauro. Este tipo de parcerias poderá ainda dar lugar ao desenvolvimento de trabalhos de investigação sobre a coleção (pode ser realizado por investigadores externos, em parceria com centros de investigação ou universidades), de forma a melhorar a sua documentação e a incrementar a sua interpretação e comunicação.

Poderão ainda ser elaborados protocolos com entidades especializadas a fim de serem ministradas formações básicas para habilitar o pessoal dos serviços museológicos a executar de forma correta a limpeza periódica dos modelos, de maneira a evitar a acumulação de poeiras e sujidades que contribuem para a degradação das peças. Com a recente integração do MML na Rede Portuguesa de Museus<sup>92</sup> (RPM), o Museu poderá beneficiar da oferta e o apoio para a formação dos recursos humanos que esta rede proporciona.

Outra das propostas é a de que a Sala dos Gessos seja integrada na programação educativa do MML, com visitas e atividades para grupos escolares, famílias e público em geral.

O MML através da DHCM e do gabinete de relações públicas do Estado-Maior, deverá providenciar para que seja feita a divulgação do edifício e do espaço circundante a outras entidades para a realização de eventos, como aconteceu com a realização da moda Lisboa há alguns anos atrás ou para campanhas de publicidade, como já aconteceu este ano de 2021, em abril, onde uma empresa de calçado utilizou o espaço para uma sessão fotográfica.

Sugere-se igualmente que, através da Direção dos Serviços de Pessoal (DSP), se faça a divulgação da coleção e do espaço, junto das empresas que já tem protocolos celebrados com o Exército, a fim de conseguir patrocínios para a manutenção da sala e para a conservação e restauro das peças.

Todas as propostas apresentadas e que envolvem outras entidades dependem, além de um grande investimento, da sensibilização dos órgãos decisórios para a necessidade de ser preservado um património histórico como este, realçando o risco de perda irreparável caso não sejam tomadas as medidas conducentes a uma boa gestão do espaço e da coleção e realizadas as intervenções necessárias para esse efeito.

---

<sup>92</sup> Despacho n.º 8332/2021 de 03 de agosto, publicado no D.R. 2ª série, nº 163 de 23 de agosto de 2021.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Uma coleção pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos, etc.) que um indivíduo ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar num contexto seguro [...]. Para se constituir uma verdadeira coleção, é necessário que esses agrupamentos de objetos formem um conjunto (relativamente) coerente e significativo.<sup>93</sup>*

Qualquer que seja a sua natureza e o seu objetivo original, as obras em gesso, como as que serviram de objeto de estudo neste estágio, devem ser consideradas documentos históricos e científicos, cuja conservação é legitimada pelo seu poder de transmissão de informação a toda uma comunidade e à sociedade e enquanto vestígios do nosso passado. Mas a responsabilidade por essa conservação não pode ser dissociada do espaço onde estão instaladas, por existir influência direta no modo como se processam e aplicam os conhecimentos sobre a forma correta para conservar. Por outro lado, os processos de informação e comunicação que o museu que guarda estas peças possa pretender desenvolver decorrem dos processos de inventariação e investigação, os quais se desejam que sejam o mais completos possível.

Foi no seguimento desse propósito que o MML apresentou uma proposta para a realização de um relatório que permitisse obter informação concreta sobre o estado em que se encontra a sua coleção de modelos em gesso à escala natural, bem como sobre o espaço onde está instalada.

A realização desse diagnóstico permitiu aferir o estado de conservação da infraestrutura e da coleção em si, constituindo-se como uma mais valia para a apresentação de propostas de atuação, de modo a contribuir para a melhoria das suas condições e permitir a tomada de decisões estratégicas para a resolução dos problemas encontrados.

---

<sup>93</sup> DESVALLÉES, André e MAIRESSE, François (dir). Conceitos-chave de museologia. São Paulo: ICOM. Armand Colin. 2013, p. 32.



Com duas fases distintas, este relatório incidiu numa primeira fase na avaliação do estado de conservação do edifício e na identificação dos problemas encontrados e numa segunda fase na gestão da coleção propriamente dita.

Na avaliação feita à infraestrutura, apesar de se tratar de um dos edifícios mais antigos do conjunto da Fundação de Cima, não se identificaram referências a antigas intervenções que possa ter sofrido, tendo unicamente sido recolhidos dados, junto da DIE, referentes a intervenções efetuadas em 2005 e 2013. Foram detetadas várias anomalias, algumas delas graves, que evidenciam sinais do estado de degradação do edifício. Destacam-se principalmente as detetadas no seu interior, onde são visíveis sinais de avançada degradação, com a podridão das madeiras por fungos devido a humidades resultantes das infiltrações.

Na avaliação à gestão da coleção, foi realizado um diagnóstico ao sistema de documentação e inventariação do Museu Militar, através da caracterização e historial de procedimentos e instrumentos documentais, bem como da análise do trabalho de inventariação da coleção da Sala dos Gessos. Deste, resultou como primeira necessidade a realização do inventário da coleção, uma vez que não havia qualquer trabalho desenvolvido neste domínio. Por outro lado, verificou-se a necessidade de uniformizar procedimentos relativamente à inventariação de outros objetos do acervo, principalmente no que respeita à inserção dos dados na plataforma In Art Premium. De maneira a contribuir para a normalização desses procedimentos, foi efetuada uma proposta de ficha de inventário, tendo como referência o modelo da Estátua Equestre de D. José, possibilitando a sua aplicação às restantes peças da coleção.

Ainda na avaliação à gestão da coleção foi realizado o diagnóstico ao estado de conservação das peças e dos riscos a que estão sujeitas. Dessa avaliação resultou que algumas das peças apresentam graves patologias estruturais que poderão pôr em causa a sua integridade. Essas patologias derivam das cargas que se concentram na base dos modelos, levando ao aparecimento de fendas e quebra após algum, bem como ao aparecimento de fissuras noutras zonas de tensão. As variações dos valores de humidade relativa e de temperatura detetados na sala, poderão também revelar-se bastante danosas, tendo em conta que alguns (se não todos) os modelos têm uma estrutura interior em madeira e uma malha metálica. O facto de todos os modelos exibirem sinais de sujidade devido à acumulação de poeiras, em conjugação com a humidade existente, contribui também para um maior grau de deterioração das peças.

Após toda a avaliação que foi feita tanto à infraestrutura como à coleção em estudo, foram elaboradas algumas propostas para a resolução dos problemas identificados, hierarquizadas segundo prioridades. A implementação destas propostas possibilitaria, sem dúvida, uma maior valorização desta coleção, fomentando a sua preservação e divulgação alargada.

Este trabalho foi desafiante na medida em que incidiu, sobretudo, sobre duas áreas distintas do conhecimento e atuação museal - a inventariação e a conservação. Por outro lado, a pouca documentação identificada não possibilitou um maior aprofundamento do trabalho de investigação da coleção, trabalho esse que se espera que possa, no futuro, ser desenvolvido noutros contextos. Para essa limitação contribuiu bastante o facto de durante todo o período em que decorreu a realização deste estágio, o país estar a atravessar um quadro de pandemia. Como tal, a fase de investigação deste trabalho ficou bastante restringida, em muito devido ao encerramento de vários estabelecimentos e à consequente falta de acesso a fontes cuja informação poderia ter contribuído de forma significativa para a sua melhoria.

No decorrer deste estágio ficou bem patente que a direção do Museu demonstra interesse pela questão da conservação e inventariação deste acervo. Apesar disso, considera-se que este estudo foi (e será) fundamental para despertar as atenções, junto das chefias, sobre os custos nos quais o Museu pode incorrer caso não consiga assegurar a preservação das peças à sua responsabilidade, mais concretamente desta coleção em particular. Espera-se assim que este trabalho possa servir de ponto de partida para repensar as estratégias de actuação perante esta coleção que, até agora, tem permanecido largamente desconhecida do grande público.

Com a realização deste relatório, acredita-se ter sido evidenciada, a importância de resgatar e valorizar uma coleção como esta, de modelos em gesso, como instrumento de proteção, preservação e perpetuação da obra de artistas renomados no contexto da história da arte portuguesa. Ressalta-se ainda a importância de se conservar uma coleção deste tipo, com os modelos à escala natural e executados em gesso, pelos mestres escultores-modeladores que foram utilizados como base para a sua fundição em bronze e consequente exposição em diversas praças públicas espalhadas pelo país e que fazem já parte da memória coletiva de todos nós.

Assim, e por último, este estágio no MML foi muito gratificante e contribuiu para aquisição de conhecimentos na área da gestão de coleções, particularmente nas áreas da conservação e da documentação e, em termos gerais, no funcionamento de um museu onde a experiência do autor é reduzida.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, Sílvia Lucas Vieira de. *Forma e Conceito na Escultura de Oitocentos – vol.I*. Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 2012.

ALMEIDA, Sara Raquel da Silva. *Diagnóstico com vista à elaboração de um Plano de Conservação Preventiva para o Museu Arqueológico do Fundão*. Trabalho de Projeto de Mestrado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 2015.

ANDRADE, Helena Rebelo de. *Manual do Inventário do Património Museológico da Saúde: Guia Prático*. Museu da Saúde. Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge. Lisboa. 2012.

AUGUSTIN, Raquel França Garcia. *Conservação preventiva: Acondicionamento e armazenamento da coleção de réplicas em gesso do Museu da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG*. Trabalho de conclusão de graduação em conservação-restauração de bens culturais móveis. Belo Horizonte. Brasil. 2014.

Artigos da autoria do coronel Casimiro Dias Morgado: "Execução de estátuas de bronze numa fundição de artilharia do Exército"; "Execução da estátua de D. José I e outras"; "Biografia de Machado de Castro"; "Biografia de Bartolomeu da Costa"., Arquivo Histórico Militar, PT/AHM/DIV/3/14/5/27."

BAIÃO, Joana Margarida Gregório. *Museus de museus- Uma reflexão. Proposta para uma definição*. Dissertação de Mestrado em Museologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 2009.

BELO, Elsa. "António Augusto da Costa Mota Tio". In: *Arte Teoria- Revista do Mestrado em Teorias da Arte da Faculdade de Belas-Artes Universidade de Lisboa* nº 4. 2003.

BRANDÃO, Zephyrino. *Catálogo do Museu da Artilharia*. 4ª ed. Tipografia de "A Editora". Lisboa. 1906.

BRUNINGHAUS, Knubel. *A educação do Museu no contexto das funções museológicas*, in *Como gerir um Museu*. Manual prático ICOM. 2004, pp. 129 - 144.

Análise e diagnóstico do espaço expositivo “Sala dos Gessos” e da sua coleção de modelos em gesso à escala natural do Museu Militar de Lisboa

CAMACHO, Clara Frayão (coord.). *Temas de Museologia: Plano de Conservação Preventiva – Bases orientadoras, normas e procedimentos*. Instituto dos Museus e Conservação. Lisboa. 2007.

CARVALHO, Maria João Vilhena de. *Normas de Inventário – Escultura: Artes plásticas e artes decorativas*. Direção de Serviços de Inventário/Instituto Português de Museus. 1ª edição. Lisboa. 2004.

CASTELBRANCO, Eduardo Ernesto de. *Catalogo das collecções do Museu de Artilheria*. Typographia do Commando Geral da Artilheria. Lisboa. 1897.

Catálogo do Museu da Artilharia. 5ª ed. Tipografia Bayard. Lisboa. 1910.

Catálogo do Museu de Artilharia. 6ª Ed. Lisboa: Tipografia Palhares. 1912.

Catálogo do Museu de Militar. 10ª ed. Tipografia de “o Sport de Lisboa”. Lisboa. 1930.

Catálogo do Museu Militar de Lisboa. Exposição – Os Engenheiros Militares e o Terramoto de Lisboa de 1755, trabalhos e consequências. Lisboa. 2005.

CASTRO, Machado de. *Descrição analytica da estatua equestre erigida em Lisboa à glória do Senhor Rei Fidelissimo D. José I*. Lisboa: Imp. Regia, 1810.

CASTRO, Machado de. *Dicionário de escultura - inéditos de história da arte / Joaquim Machado de Castro*. Livr. Coelho, Lisboa, 1937. 65 p.

CORREIA, Catarina da Glória Magalhães. Intervenção no Prédio Militar N.º 50 em Lisboa, antiga Fundação de Canhões. Dissertação para a obtenção de Grau de Mestre em Engenharia Militar da Academia Militar no Instituto Superior Técnico de Lisboa. Lisboa. 2015. p. 5

CORREIA, Maria Teresa. A génese de um museu: do Arsenal Real do Exército ao Museu de Artilharia. Dissertação de Mestrado em Museologia e Património da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: texto policopiado. 2002.

DESVALLÉES, André e MAIRESSE, François (dir). *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: ICOM. Armand Colin. 2013.

Análise e diagnóstico do espaço expositivo “Sala dos Gessos” e da sua coleção de modelos em gesso à escala natural do Museu Militar de Lisboa

Direção de História e Cultura Militar. Normas Gerais dos Museus e Coleções Visitáveis Militares. Despacho n.º 96/2008 de 22 de Abril de 2008 de S. Exa. o Chefe do Estado-Maior do Exército.

EDSON, Gary. Gestão do Museu, in *Como gerir um Museu*. Manual prático ICOM. 2004, pp 145 - 159.

FRADE, Marta Alexandra da Costa. Conservação e Restauro de Esculturas em Gesso Valorização, Metodologia, Ensino. Tese para a obtenção do grau de Doutor em Belas-Artes, na especialidade de Escultura. Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. 2018.

FERRAZ, Ângela. Sustentabilidade ambiental em exposições: os desafios da conservação preventiva, in BAIÃO, Joana e MATOS, Lucia Almeida (coord), *Estratégias de Exposição - História e Práticas Recentes*, IV Fórum Ibérico de Estudos Museológicos, Lisboa, Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2021, pp. 89-90.

FRANCO, Maria Ignez Mantovani. *Planejamento e Realização de Exposições: Cadernos Museológicos*. Volume 3. Brasília: Ibram. 2018.

FRANÇA, José Augusto. *A Arte em Portugal no séc. XIX*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1966 (Amadora: Imprensa Portugal-Brasil). 2º volume (489, 532 p).

FRANÇA, José Augusto. Museu Militar: Pintura e Escultura. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa. 1996.

FRANÇA, José Augusto. *História da Arte em Portugal – o Pombalismo e o Romantismo*. 1ª edição. Lisboa: Artes Gráficas, Lda. 2004.

GONÇALVES, Carlos da Silveira. Adriano de Sousa Lopes (1879-1944). Um pintor na Grande Guerra. Tese de Doutoramento em História da Arte, Especialização em Museologia e Património Artístico da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 2016.

LADKIN, Nicola. Gestão do Acervo, in *Como gerir um Museu*. Manual prático. ICOM. 2004, pp 17 - 32.

Análise e diagnóstico do espaço expositivo “Sala dos Gessos” e da sua coleção de modelos em gesso à escala natural do Museu Militar de Lisboa

MICHALSKI, Stefan; ANATOMARCHI, Catherine; PEDERSOLI JR, José Luiz. *Guia de gestão para o património museológico*. Brasília: IBERMUSEUS, ICCROM, 2017. ISBN 978-92-9077-270-5.

MICHALSKI, Stefan. *Care and Preservation of Collections*. in: *Running a Museum – A practical handbook*. Paris. 2004, pp. 51-89.

MOURA, Paula e GOUVEIA, Luís Borges. *Gestão da Informação em Museus – uma contribuição para o seu estudo*, publicado por Green Lines, Instituto para o Desenvolvimento Sustentável, Barcelos. 2015.

LIMA, Henrique de C. F. *Joaquim Machado de Castro – Escultor Conimbricense. Notícia Biográfica e Compilação dos seus Escritos Dispersos*. 2ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1989.

MANSO, Ricardo José Clemente. Tecnologia e história da fundição artística. Dissertação em Escultura pública da Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes. Lisboa. 2011.

MARQUES, Maria da Conceição Martins Vieira. Museu Militar de Lisboa: Proposta de Reprogramação Museológica. Dissertação em Museologia e Museografia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes. Lisboa. 2015.

MARTINS, Sónia Isabel Pereira. Novos usos para o Património Industrial – Reabilitação do antigo edifício da Fundição de Canhões em Santa Clara e sua conversão em residência universitária. Dissertação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Lisboa. 2019.

MATEUS, João Mascarenhas. “Desafios técnicos da estátua equestre de D. José I”, in FARIA, Miguel Figueira de (coord.). *Machado de Castro – Da utilidade da escultura*. Lisboa: Caleidoscópio, 2014.

MATOS, Alexandre Manuel Ribeiro. Os sistemas de informação na gestão de colecções museológicas - Contribuições para a certificação de museus. Dissertação no âmbito do Mestrado de Museologia pelo Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. 2007.

MATOS, Alexandre Manuel Ribeiro. SPECTRUM: uma norma de gestão de colecções para os museus portugueses. Dissertação no âmbito do Doutoramento em Museologia pelo

Análise e diagnóstico do espaço expositivo “Sala dos Gessos” e da sua coleção de modelos em gesso à escala natural do Museu Militar de Lisboa

Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. 2012.

MATOS, Alexandre Manuel Ribeiro. “Primeiro passo: documentar as coleções”, in SEMEDO, Alice; NASCIMENTO, Elisa Noronha e CENTENO, Rui (coord.). *Atas do Seminário Internacional “O futuro dos Museus Universitários em perspetiva”*. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Porto, 2014.

Método de Avaliação do Estado de Conservação de Edifícios de Serviços - Instruções de Aplicação. Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo / Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. Lisboa. 2014.

NOGUEIRO, Maria Emília Pires. Museu Militar de Bragança – Fundação; Práticas Museológicas. Dissertação de Mestrado do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Museologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. 2009.

*O Virtuoso Criador, Joaquim Machado de Castro (1731-1822)*. Lisboa: DGPC/MNAA, INCM, (Catálogo de exposição). 2012.

Regulamento Provisório para a Direcção e Administração do Arsenal do Exército. Lisboa: Imprensa Nacional. 1834.

Regulamento para o Arsenal do Exército. Lisboa: Imprensa Nacional. 1853.

RODRIGUES, F. A. e TEIXEIRA, M. J.. *Museus Militares do Exército - Um modelo de gestão em rede*. Edições Colibri. Lisboa. 2012.

SALDANHA, Sandra Costa. *Manual de Procedimentos de Inventário de Bens Culturais da Igreja*. Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja. Lisboa. 2018. ISBN: 978-989-99967-4-8.

SANTOS, Reinaldo dos. *Oito séculos de arte portuguesa: história e espírito*. Lisboa: Editorial Notícias. 1970. 1º volume.

SEROL, Maria Elisabete. *O Campo de Santa Clara, em Lisboa: Cidade, História e Memória: um roteiro cultural*. Universidade Aberta (Vol. I). Lisboa. 2012.

Análise e diagnóstico do espaço expositivo “Sala dos Gessos” e da sua coleção de modelos em gesso à escala natural do Museu Militar de Lisboa

SILVA, Raquel Henriques da. “Estatuária académica: entre a norma, a história e a sensibilidade romântica”, in CÂMARA, Sílvia e CARVALHO, Jorge Ramos de (coord). *Estatuária e Escultura de Lisboa-Roteiro*, Arte Pública. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa. 2005.

TEIXEIRA, Mariana Jacob. A natureza e gestão das coleções militares da Direção de História e Cultura Militar (Exército). Dissertação de Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. 2011.

USILLOS, Andrés Gutiérrez. *Museología y documentación – Criterios para la definición de un proyecto de documentación en museos*. Ediciones Trea, S.L. 2010.

WALLER, R. e ANFERSMIT, B.. *Assessing and Managing risks to your collections*. International symposium and workshop on cultural property risk analysis. Lisbon, Portugal, 2011.

## WEBGRAFIA

MACRON, Paul Agent of Deterioration: Physical Forces. Disponível em: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/agents-deterioration/physical-forces.html>. [consultado em 6 de maio 2021].

MICHALSKI, Stefan. Glossary, Preventive conservation: reducing risks to collections. 2006. [Consult. 26 de maio 2021]. Disponível em: [www.sra.org](http://www.sra.org).

[https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2017/07/monumento-ao-duque-da-terceira\\_26.html](https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2017/07/monumento-ao-duque-da-terceira_26.html) [consultado em 17 de março 2021].

SANTOS, N. (junho de 1995). *História da Biblioteca do Exército*. Lisboa. Disponível em [www.exercito.pt:8080/sites/BiBEx/Historial/Documents/HistoriaBibEx](http://www.exercito.pt:8080/sites/BiBEx/Historial/Documents/HistoriaBibEx). [consultado em 16 de março de 2021].



## APÊNDICE I -Medições de temperatura e humidade da sala

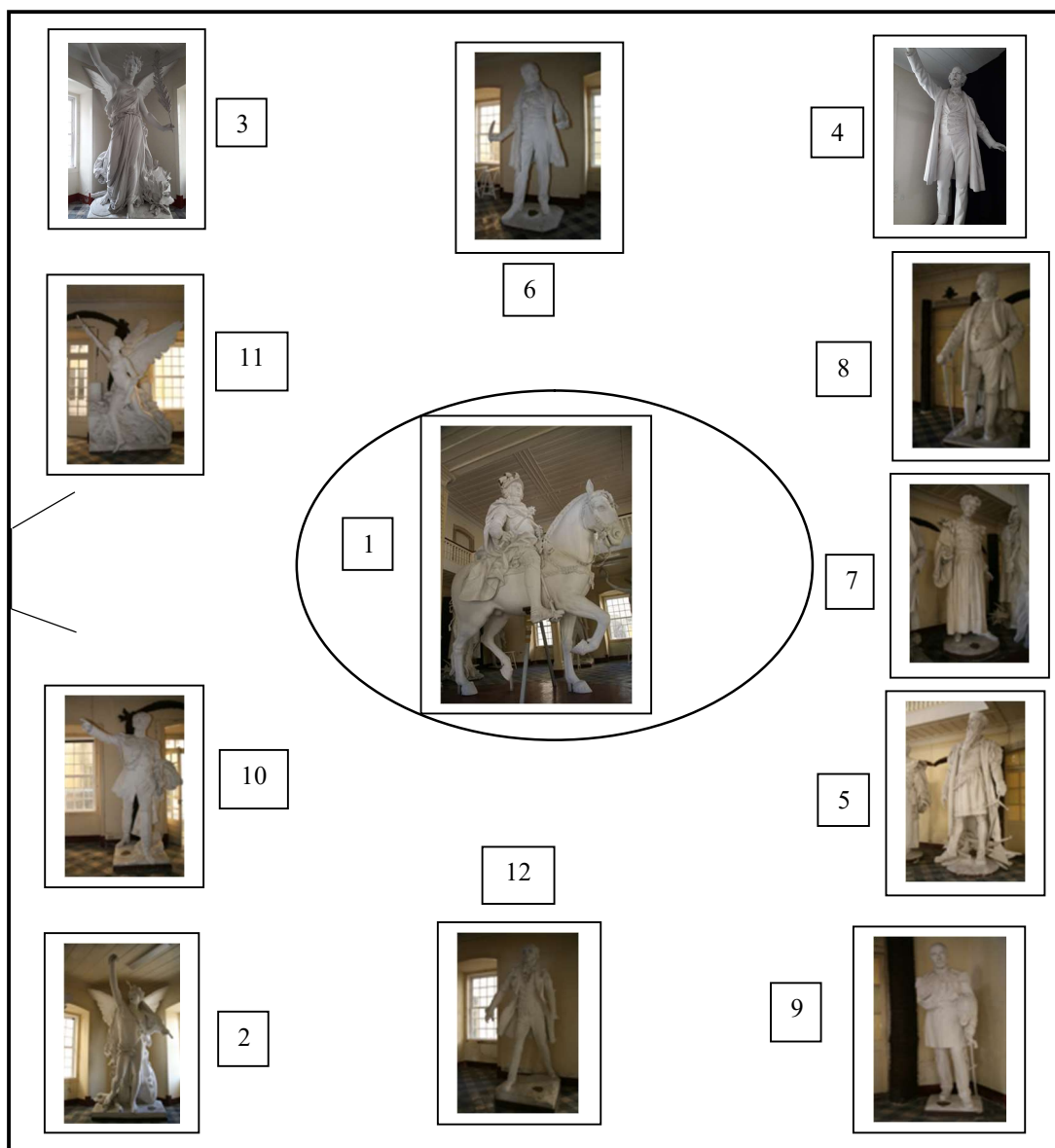
Mês de março de 2021

| Dia | Temperatura °C |      |       |      | Humidade relativa % |      |       |      |
|-----|----------------|------|-------|------|---------------------|------|-------|------|
|     | Manhã          |      | Tarde |      | Manhã               |      | Tarde |      |
|     | Hora           | Hora | Hora  | Hora | Hora                | Hora | Hora  | Hora |
| 01  | 11.00          | 18,5 | 14.30 | 19,2 | 11.00               | 78,0 | 14.30 | 70,3 |
| 02  | 11.30          | 20,2 | 14.00 | 20,8 | 11.30               | 74,2 | 14.00 | 68,8 |
| 03  | 11.00          | 20,8 | 15.30 | 22,7 | 11.00               | 74,1 | 15.30 | 67,6 |
| 04  | 09.45          | 17,5 | 15.30 | 18,7 | 09.45               | 79,1 | 15.30 | 76,5 |
| 05  | 09.00          | 15,4 | 15.30 | 16,2 | 09.00               | 77,4 | 15.30 | 76,8 |
| 08  | 10.15          | 15,3 | 16.00 | 16,6 | 10.15               | 78,2 | 16.00 | 77,7 |
| 09  | 11.30          | 18,5 | 16.00 | 19,3 | 11.30               | 73,5 | 16.00 | 72,9 |
| 10  | 11.00          | 18,9 | 15.15 | 19,9 | 11.00               | 75,6 | 15.15 | 75,0 |
| 11  | 10.45          | 19,5 | 14.45 | 20,1 | 10.45               | 76,3 | 14.45 | 74,9 |
| 12  | 09.00          | 16,2 | 14.00 | 16,5 | 09.00               | 79,6 | 14.00 | 78,8 |
| 15  | 10.30          | 22,8 | 14.15 | 23,0 | 10.30               | 73,4 | 14.15 | 72,6 |
| 16  | 11.50          | 24,2 | 14.20 | 25,6 | 11.50               | 70,3 | 14.20 | 67,0 |
| 17  | 12.00          | 22,3 | 16.15 | 23,4 | 12.00               | 70,1 | 16.15 | 66,8 |
| 18  | 09.00          | 20,5 | 15.40 | 21,9 | 09.00               | 68,6 | 15.40 | 64,3 |
| 19  | 10.40          | 18,7 | 16.00 | 19,6 | 10.40               | 69,9 | 16.00 | 67,6 |
| 22  | 11.20          | 21,5 | 14.50 | 22,7 | 11.20               | 67,3 | 14.50 | 66,2 |
| 23  | 11.50          | 22,0 | 14.30 | 22,5 | 11.50               | 66,9 | 14.30 | 65,1 |
| 24  | 11.45          | 20,5 | 14.00 | 21,0 | 11.45               | 66,1 | 14.00 | 64,3 |
| 25  | 10.00          | 18,7 | 16.00 | 19,8 | 10.00               | 69,5 | 16.00 | 68,4 |
| 26  | 10.30          | 19,4 | 15.30 | 20,1 | 10.30               | 69,1 | 15.30 | 67,7 |
| 29  | 11.50          | 23,5 | 15.00 | 24,2 | 11.50               | 64,8 | 15.00 | 62,0 |
| 30  | 12.00          | 22,5 | 16.00 | 23,7 | 12.00               | 63,9 | 16.00 | 63,1 |
| 31  | 12.00          | 26,4 | 16.45 | 28,1 | 12.00               | 50,7 | 16.45 | 48,8 |

**Mês de abril de 2021**

| Dia | Temperatura °C |      |       |      | Humidade relativa % |      |       |      |
|-----|----------------|------|-------|------|---------------------|------|-------|------|
|     | Manhã          |      | Tarde |      | Manhã               |      | Tarde |      |
|     | Hora           | Hora | Hora  | Hora | Hora                | Hora | Hora  | Hora |
| 01  | 11.10          | 20,6 | 14.30 | 21,1 | 11.10               | 57,3 | 14.30 | 60,5 |
| 02  | 10.45          | 20,5 | 16.00 | 22,0 | 10.45               | 63,7 | 16.00 | 59,3 |
| 05  | 12.10          | 23,2 | 15.00 | 24,6 | 12.10               | 56,2 | 15.00 | 54,7 |
| 06  | 10.50          | 20,4 | 15.00 | 21,3 | 10.50               | 54,8 | 15.00 | 52,3 |
| 07  | 12.00          | 23,4 | 14.40 | 24,4 | 12.00               | 52,8 | 14.40 | 50,3 |
| 08  | 11.40          | 21,1 | 15.30 | 22,8 | 11.40               | 54,1 | 15.30 | 53,2 |
| 09  | 11.15          | 20,0 | 16.10 | 21,5 | 11.15               | 55,1 | 16.10 | 53,8 |
| 12  | 10.00          | 19,8 | 14.30 | 21,0 | 10.00               | 55,8 | 14.30 | 54,9 |
| 13  | 10.30          | 19,0 | 14.00 | 20,9 | 10.30               | 56,9 | 14.00 | 55,7 |
| 14  | 10.00          | 19,1 | 14.00 | 19,9 | 10.00               | 60,6 | 14.00 | 59,9 |
| 15  | 10.00          | 20,1 | 15.10 | 21,2 | 10.00               | 60,3 | 15.10 | 59,8 |
| 16  | 12.10          | 24,4 | 16.00 | 25,2 | 12.10               | 58,8 | 16.00 | 57,7 |
| 19  | 11.00          | 22,2 | 15.00 | 23,0 | 11.00               | 58,6 | 15.00 | 56,9 |
| 20  | 11.00          | 21,0 | 14.20 | 21,9 | 11.00               | 59,6 | 14.20 | 58,9 |
| 21  | 09.30          | 18,1 | 14.00 | 19,6 | 09.30               | 62,9 | 14.00 | 62,1 |
| 22  | 10.50          | 20,9 | 15.30 | 21,7 | 10.50               | 62,1 | 15.30 | 61,8 |
| 23  | 10.30          | 19,9 | 15.00 | 21,5 | 10.30               | 66,5 | 15.00 | 65,8 |
| 26  | 11.15          | 22,9 | 14.45 | 23,4 | 11.15               | 66,2 | 14.45 | 65,5 |
| 27  | 10.20          | 20,6 | 15.20 | 21,8 | 10.20               | 67,8 | 15.20 | 66,9 |
| 28  | 10.00          | 20,3 | 14.00 | 20,9 | 10.00               | 68,8 | 14.00 | 67,2 |
| 29  | 09.45          | 18,7 | 14.30 | 19,1 | 09.45               | 69,9 | 14.30 | 69,1 |
| 30  | 10.40          | 19,8 | 15.15 | 20,4 | 10.40               | 68,7 | 15.15 | 68,0 |

## APÊNDICE II – Disposição dos modelos na Sala



### Legenda:

- 1 – Estatua D. José I (1774)
- 2 – Estatua Génio da Independência (1882)
- 3 – Estatua Génio da Vitória (1882)
- 4 – Estatua José Estevão de Magalhães (1888)
- 5 – Estatua Afonso de Albuquerque (1901) \*
- 6 – Estatua Joaquim A. de Aguiar (1903)
- \*- Não está colocada no canto por ter altura superior ao varandim e não caber naquele espaço.

- 7 – Estatua Dr. Sousa Martins (1904)
- 8 – Estatua Bispo Alves Martins (1907)
- 9 – Estatua Marquês de Sá da Bandeira (1908)
- 10- Estatua Duque do Saldanha (1908)
- 11 – Estatua Figura da Vitória (1908)
- 12 – Estatua Manuel Tomás (1911)

### APENDICE III – Proposta de Ficha de Inventário

#### Inventário: Objetos MML

##### -Identificação-

##### Nº Inventário:

MML07065<sup>94</sup>

##### Designação:

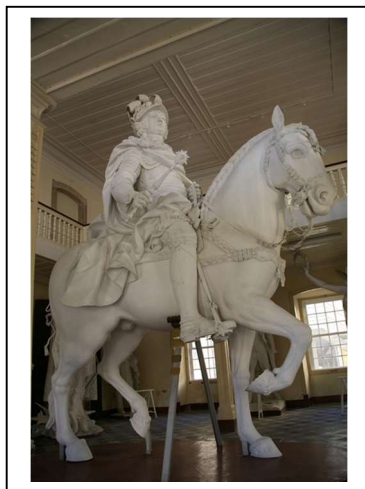
Modelo em gesso

##### Título:

Estátua Equestre de D. José I

##### Descrição:

Modelo em gesso que representa o rei D. José I montado num cavalo em pose “Piaffer”. O cavalo cujo o modelo foi tirado de um cavalo proveniente da Coudelaria Real de Alter do Chão, apresenta a cauda e a crina entrançadas bem como os respetivos arreios trabalhados e com alguns enfeites. A figura do rei surge montada numa sela portuguesa, em traje militar, com armadura e com um manto da Ordem de Cristo sobre os ombros, de costas direitas e cabeça erguida, virada ligeiramente para o seu lado direito. Nas mãos desnudas são visíveis os punhos de renda, com a mão direita a segurar o ceptro real encimado por uma estrela e ornado por folhas de acanto. Na mão esquerda segura as rédeas da montada. No lado esquerdo, junto à perna, tem embainhada uma espada típica do séc. XV. Na cabeça apresenta um capacete emplumado como proteção.



##### - Informação específica -

##### Autorias

| Autor:                      | Tipo de autoria: |
|-----------------------------|------------------|
| CASTRO, Joaquim Machado de. | Escultor         |
| COSTA, Bartolomeu da.       | Fundidor         |

##### - Categorias -

| Área:                              | Categoria: | Subcategoria:                            | Justificação: |
|------------------------------------|------------|------------------------------------------|---------------|
| Artes plásticas/ Artes decorativas | Escultura  | Escultura de vulto -<br>Estátua equestre |               |

<sup>94</sup> Número atribuído pela Técnica Superior Ana Veríssimo dos Serviços Museológicos.

**- Coleções -**

|                         |                                 |
|-------------------------|---------------------------------|
| <b>Tipo de coleção:</b> | <b>Justificação:</b>            |
| Modelos em gesso        | Em exposição na Sala dos Gessos |

**- Cronologia -**

|                       |                     |                         |                                                                                                                                                              |
|-----------------------|---------------------|-------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Data inicial:</b>  | <b>Data final:</b>  | <b>Época:</b>           | <b>Justificação:</b>                                                                                                                                         |
| 16 de Outubro de 1771 | 10 de Março de 1772 | 2ª metade do séc. XVIII | CASTRO, Machado de. <i>Descrição analytica da estatua equestre erigida em Lisboa à glória do Senhor Rei Fidelissimo D. José I.</i> Lisboa: Imp. Regia, 1810. |

**- Estados -**

|                               |                        |
|-------------------------------|------------------------|
| <b>Estado de conservação:</b> | <b>Data do Estado:</b> |
| Muito bom                     | 21 de abril de 2021    |

**- Localizações -**

|                               |                              |                             |
|-------------------------------|------------------------------|-----------------------------|
| <b>Tipo de localização:</b>   | <b>Localização habitual:</b> | <b>Data da localização:</b> |
| Interna/MML – Sala dos Gessos | Sim                          | 21 de abril 2021            |

**- Materiais -**

|                   |                  |
|-------------------|------------------|
| <b>Materiais:</b> | <b>Cor:</b>      |
| Gesso             | Branca           |
| Ferro             | Não identificada |
| Madeira           | Não identificada |

**- Medidas -**

|                        |               |                           |
|------------------------|---------------|---------------------------|
| <b>Tipo de medida:</b> | <b>Valor:</b> | <b>Unidade de medida:</b> |
| Altura                 | 6,93 m        | m (metros)                |
| Comprimento            | 4,83 m        | m (metros)                |
| Profundidade           | 2,14 m        | m (metros)                |
| Peso                   | Desconhecido  | Kg (kilogramas)           |

**- Proprietários -**

|                         |              |                                         |
|-------------------------|--------------|-----------------------------------------|
| <b>Proprietário:</b>    | <b>Data:</b> | <b>Notas:</b>                           |
| Museu Militar de Lisboa | 1851         | Data da criação do Museu de Artilharia. |

**- Incorporação –**

| <b>Tipo de incorporação:</b> | <b>Data:</b> | <b>Notas:</b>                          |
|------------------------------|--------------|----------------------------------------|
| Por transferência            | 1851         | Data da criação do Museu de Artilharia |

**- Inventariantes –**

| <b>Inventariante:</b> | <b>Data:</b>        |
|-----------------------|---------------------|
| Major Calado          | 07 de Junho de 2021 |

**- Historial –**

Em 1755, em consequência do terramoto, a cidade de Lisboa teve de ser reconstruída rapidamente, tendo sido disso encarregado Eugénio dos Santos, engenheiro militar e arquiteto, que organizou em termos muito modernos a urbanização da Baixa e desenhou a Praça do Comércio. Nesse projeto ficou determinado o lugar em que seria erigido o monumento dedicado ao rei D. José, tendo imediatamente o alicerce do pedestal lá sido colocado, a aguardar a realização da estátua equestre.

O desenho de Eugénio dos Santos tem uma origem certa dentro do quadro clássico e barroco com inspiração nos projetos de Perrault para um monumento a Luís XIV e de LeBrun para um arco de triunfo consagrado ao Rei Sol.

Entre Luís XIV e Luís XV a simbologia que envolvia toda a representação monárquica nas praças reais sofrera alterações. A imagem do rei conquistador era substituída por uma mensagem de um rei pacificador e protector do progresso e do bem-estar do seu povo. Quando Machado de Castro foi encarregue da execução da estátua de D. José I, já alimentava essa ideologia pós Luís XV, sendo notório no monumento de D. Maria I, projecto da sua total autoria.

Machado de Castro recebeu do ajudante de arquitetura da Casa do Risco e Obras Públicas, Domingos da Silva Raposo, um convite inusitado em 19 de outubro de 1770. A proposição em questão mencionava a abertura de um concurso, dirigido pelo arquiteto e engenheiro militar Reynaldo Manoel dos Santos (1731-1791), então diretor daquela repartição, cujo empreendimento resultaria na execução da estátua régia de D. José I.

Em finais de dezembro de 1770, os concorrentes receberam os desenhos da representação alegórica da estátua produzida e idealizada por Eugénio dos Santos, ficando encarregados de produzir uma representação em vulto feita sobre gesso, a ser entregue no Paço, em 21 de março de 1771.

Era intenção do escultor alterar o herói e representá-lo à maneira romana, de peito descoberto, e substituir o capacete por uma coroa de louros, pois, segundo o escultor, faria

diminuir a cabeça. Entendia ser este o melhor modo de representação das estátuas, pois permitia a apresentação dos contornos do corpo, tornando o resultado mais belo e elegante. O escultor teve de submeter-se aos desenhos que Reynaldo Manuel dos Santos concebera para o pedestal e também aos desenhos que Eugénio dos Santos fizera em 1759 e que foram aprovados pelo Marquês de Pombal. O escultor apenas conseguiu alterar o manto do rei e modificar nos grupos laterais alguns panejamentos e atitudes das figuras humanas.

A 21 de Março de 1771, Machado de Castro e um estrangeiro, que também disputa o respectivo encargo, vão ao Paço Real mostrar os seus trabalhos ao monarca. O estrangeiro apresenta dois projectos, um que copia fielmente os desenhos e outro com o cavalo a galope. D. José I prefere as obras que Machado de Castro apresenta, sendo aprovado com expressões de muito louvor. No conjunto da estátua equestre de D. José I predomina e prevalece a figura do rei, exaltada pela expressão de alta dignidade do seu rosto, finalizada pelas plumas do capacete.

Machado de Castro teve de recorrer a retratos para a representação do corpo e a uma estampa do rosto do rei, uma vez que o monarca se recusou a posar para o artista.

Foram realizadas medições e elaborados estudos para a criação da estátua equestre, sendo definido que o cavalo iria ser representado em “piaffer”, passo que permite ao cavaleiro mostrar toda a nobreza, fogo e brio da sua montada. Tanto a posição do cavaleiro assim como a do cavalo foi representada de acordo com as instruções do Estribeiro-Mor do Reino.

Logo que este modelo ficou pronto foi apresentado ao rei que de imediato o aprovou, tendo Machado de Castro a 10 de junho de 1771, recebido ordem para iniciar a feitura do modelo grande. Foi primeiro executado um modelo grande em estuque, seguido de um modelo grande em gesso e finalmente um modelo grande em cera, para receber todo o enchimento de metal.

Em todo o tempo que decorreu até se completar o modelo grande foi abandonada a intenção de utilizar um leão junto à base e em volta das patas do cavalo como estava definido nos desenhos de Eugénio dos Santos, devido a questões de tempo e execução. Acabado o modelo grande, ficou o mesmo em poder do engenheiro Bartolomeu da Costa para cuidar da sua fundição em bronze nas instalações da Fundição de Cima, sendo a sua primeira tarefa a realização dos moldes para a execução do modelo em cera, que iria dar lugar ao bronze.

A 20 de Maio de 1775 com todo o trabalho de enchimento realizado a estátua suspensa da sua cova de fundição. Eugénio Bartolomeu da Costa cria uma máquina original (zorra)

com a finalidade de içar e transportar a estátua até ao seu local de exposição. O transporte desde a Casa de Fundição até ao Terreiro do Paco foi deixado a cargo de Reinaldo Manuel dos Santos. Ao longo do percurso a zorra deslocar-se-ia sobre pranchões de madeira.

O carro de transporte é tapado com uma caixa que contém inscrita a expressão latina “Non Velant Nubila Solem”, “As Nuvens não tapam o Sol”. Menção ao poder absolutista do monarca, comparando este ao sol que tudo ilumina.

O início da sua marcha para o Terreiro do Paco (22 de Maio de 1775) é acompanhado por um grande séquito e foram os deputados da Casa dos Vinte a Quatro os primeiros que lançaram as mãos aos quatro cordões, ajudados por um grupo de trabalhadores (mais de mil), e era já noite quando o cortejo chegou ao Hospício da Companhia (Hospital da Marinha).

No dia seguinte (dia 23), prosseguindo a marcha, e sem o aparato inicial, atinge-se a proximidade das Portas da Cruz (Cimo da Rua dos Remédios). Em 24, à meia-noite, fez-se novo "alto" defronte do Chafariz del-Rei.

Finalmente, no dia 25 a estátua chega ao seu destino, o Terreiro do Paco, que com a reconstrução da cidade se passaria a chamar Praça do Comercio.

A elevação da estátua, em 27 de Maio, para colocação no pedestal, foi tarefa de que se encarregou João dos Santos, Sota-patrão da Ribeira das Naus. Foram destacadas algumas Companhias de Infantaria para formarem um cordão em volta do terreno considerado necessário para os trabalhos. Machado de Castro estaria junto do pedestal, mas foi mandado retirar da Praça, por um tenente. Sem o controle por parte deste, a estátua acabaria por ficar fora de prumo.

Para a inauguração da estátua foi escolhido, o dia 6 de Junho de 1775, precisamente porque D. José fazia nessa data 61 anos de idade. A família real assistiu a toda a cerimónia escondida, entre "Aclamações" e "Vivas" da população ao Rei. Foram decretados três dias de festa e de iluminações gerais noturnas.

#### **- Bibliografia -**

- António José da Silva Valente - A estátua equestre de D. José I de Machado de Castro 1775. Lisboa: s.n., 1998, 2 vols.
- Archivo pittoresco : semanário illustrado, Nº 6, Agosto de 1858.
- “Artigos da autoria do coronel Casimiro Dias Morgado: "Execução de estátuas de bronze numa fundição de artilharia do Exército"; "Execução da estátua de D. José I e outras"; Biografia de Machado de Castro"; Biografia de Bartolomeu da Costa".”, Arquivo Histórico Militar, PT/AHM/DIV/3/14/5/27.”



- Boletim do Museu Militar de Lisboa, editado pelo E.M.E em Julho de 1993, a propósito das Comemorações do Dia do Exército.
- CASTRO, Machado de. *Descrição analytica da estatua equestre erigida em Lisboa à glória do Senhor Rei Fidelissimo D. José I*. Lisboa: Imp. Regia, 1810.
- CASTRO, Machado de. *Dicionário de escultura - inéditos de história da arte / Joaquim Machado de Castro*. Livr. Coelho. Lisboa, 1937. - 65 pp.
- FARIA, Miguel Figueira de (coord.). *Machado de Castro – Da utilidade da escultura*. Lisboa: Caleidoscópio, 2014.
- FRANÇA, José Augusto. *A Arte em Portugal no séc. XIX*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1966 (Amadora: Imprensa Portugal-Brasil). 2º volume(489, 532 p).
- FRANÇA, José Augusto. *Museu Militar: Pintura e Escultura*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa. 1996.
- FRANÇA, José Augusto. *História da Arte em Portugal – o Pombalismo e o Romantismo*. 1ª edição. Lisboa: Artes Gráficas, Lda. 2004.
- LIMA, Henrique de C. F.. *Joaquim Machado de Castro – Escultor Conimbricense. Notícia Biográfica e Compilação dos seus Escritos Dispersos*. 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade. 1989.
- MANSO, Ricardo José Clemente. *Tecnologia e história da fundição artística*. Dissertação em Escultura pública da Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes. Lisboa. 2011.
- MATEUS, João Mascarenhas. “Desafios técnicos da estátua equestre de D. José I”, in *O Virtuoso Criador, Joaquim Machado de Castro (1731-1822)*. Lisboa: DGPC/MNAA, INCM. 2012. (Catálogo de exposição), 228 pp.
- SILVA, Raquel Henriques da. “Estatuária académica: entre a norma, a história e a sensibilidade romântica”, in CÂMARA, Sílvia e CARVALHO, Jorge Ramos de (coord). *Estatuária e Escultura de Lisboa-Roteiro*, Arte Pública. Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa. 2005.

## ANEXO I - Plantas do edifício

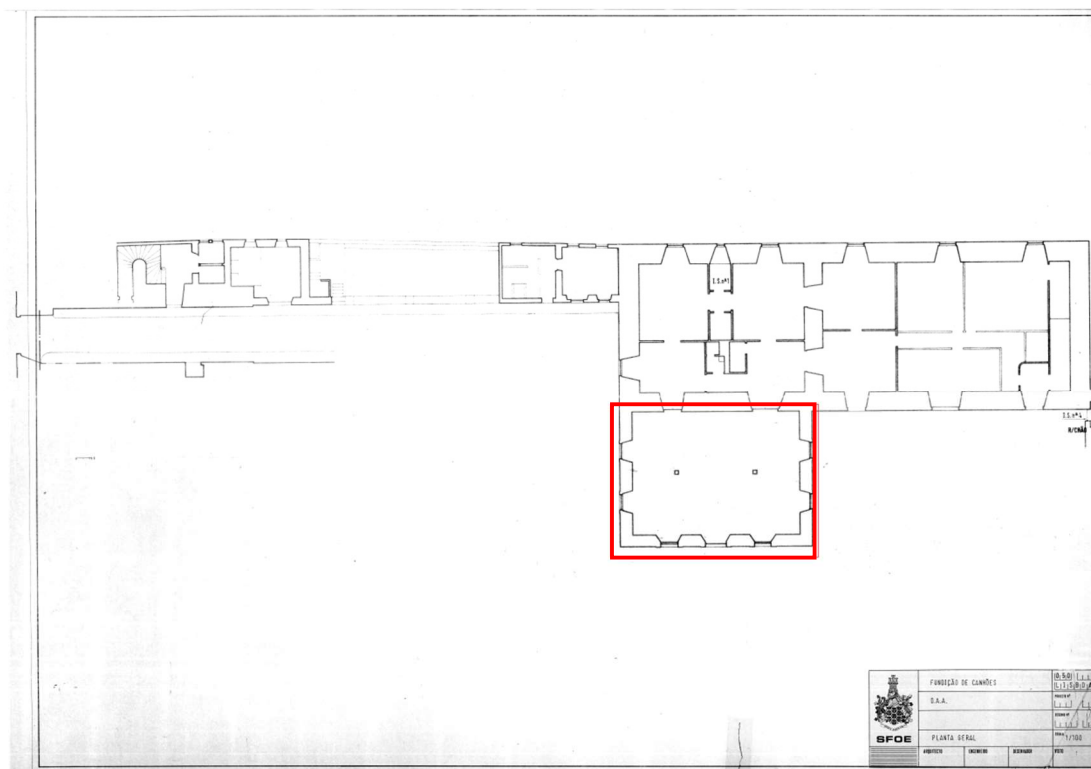


Figura 12 - Planta do Rés-do-chão da Sala dos Gessos  
Fonte: DIE

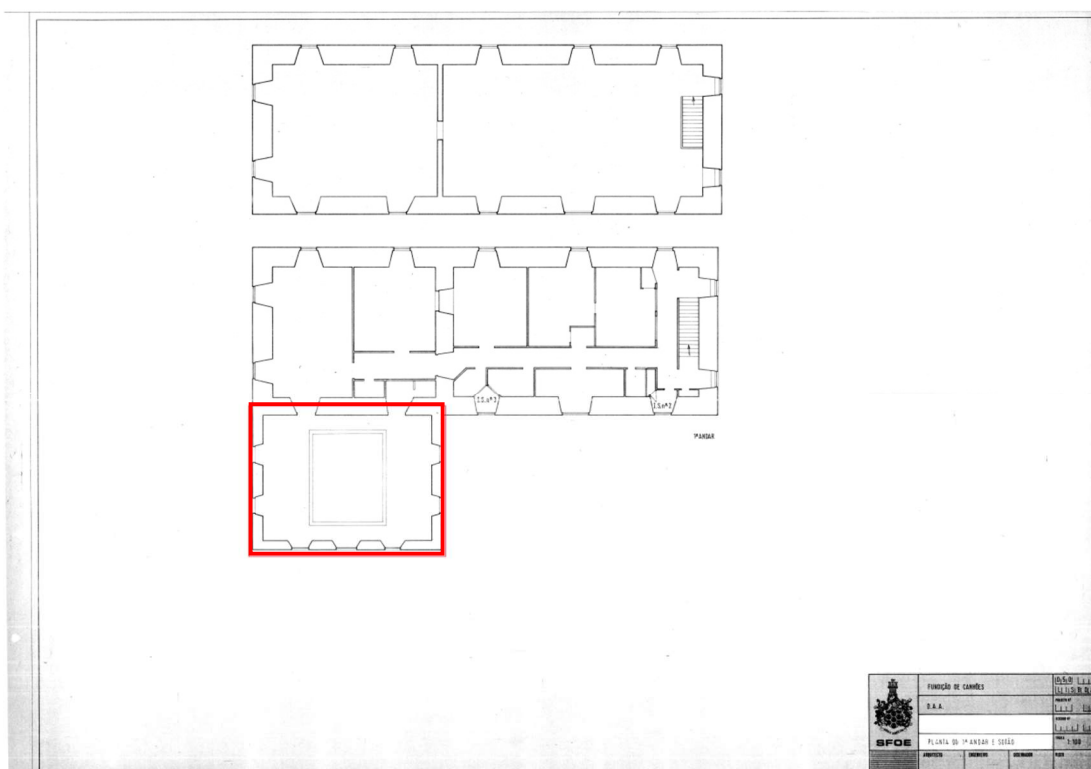


Figura 13 - Planta do 1º andar da Sala dos Gessos  
Fonte: DIE

## ANEXO II – Desenhos de Eugénio dos Santos para o estudo da Estátua Equestre

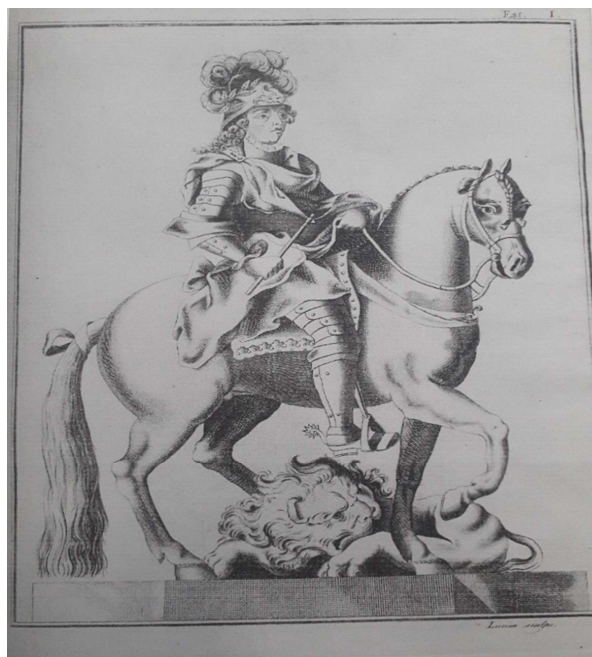


Figura 14 - Estampa I

Fonte: - CASTRO, Machado de. *Descrição analytica da estatua equestre erigida em Lisboa à glória do Senhor Rei Fidelissimo D. José I*. Lisboa: Imp. Regia, 1810



Figura 15 - Estampa II

Fonte: CASTRO, Machado de. *Descrição analytica da estatua equestre erigida em Lisboa à glória do Senhor Rei Fidelissimo D. José I*. Lisboa: Imp. Regia, 1810

Análise e diagnóstico do espaço expositivo “Sala dos Gessos” e da sua coleção de modelos em gesso à escala natural do Museu Militar de Lisboa

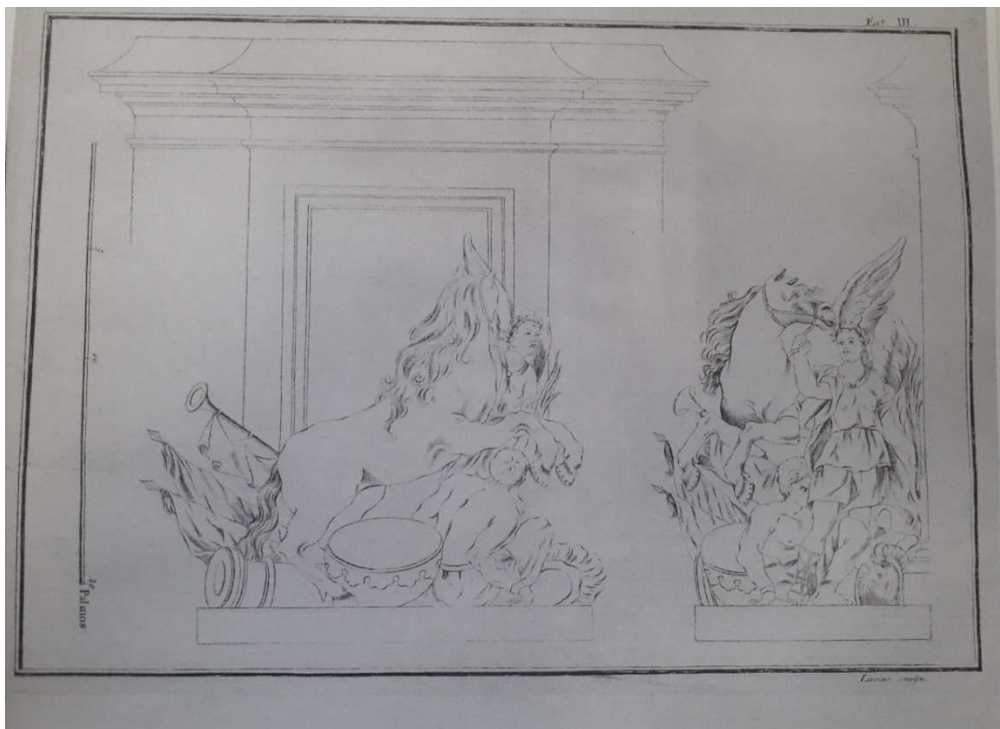


Figura 16 - Estampa III

Fonte: CASTRO, Machado de. *Descrição analytica da estatua equestre erigida em Lisboa à glória do Senhor Rei Fidelissimo D. José I.* Lisboa: Imp. Regia, 1810

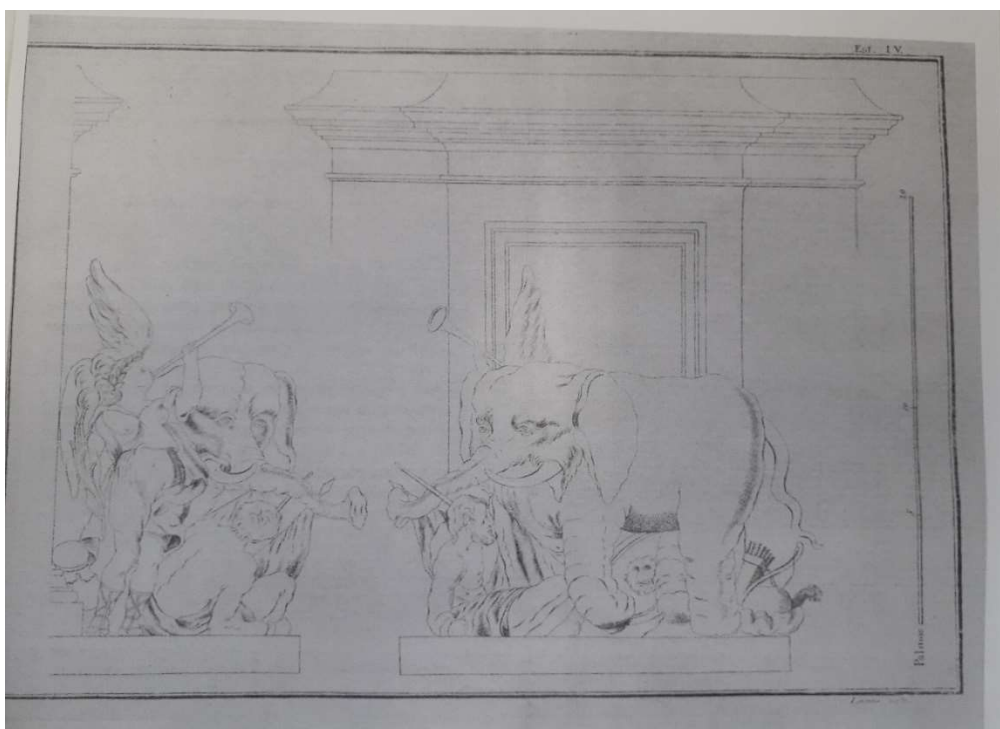


Figura 17 - Estampa IV

Fonte: CASTRO, Machado de. *Descrição analytica da estatua equestre erigida em Lisboa à glória do Senhor Rei Fidelissimo D. José I.* Lisboa: Imp. Regia, 1810

### ANEXO III- Registo fotográfico das patologias das peças

#### - Estátua de José Estevão

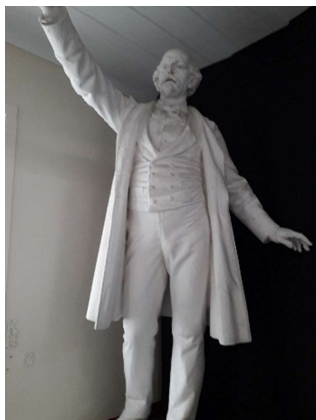


Figura 18 - Estátua de José Estevão de Magalhães  
Fonte: do autor



Figura 19 - Pormenor da base I (José Estevão de Magalhães)  
Fonte: do autor



Figura 20 - Pormenor da base II (José Estevão de Magalhães)  
Fonte: do autor

#### - Estátua do Génio da Vitória



Figura 21- Estátua do Génio da Vitória  
Fonte: do autor



Figura 22 - Pormenor do pescoço (Génio da Vitória)  
Fonte: do autor



Figura 23 - Pormenor do manto (Génio da Vitória)  
Fonte: do autor



Figura 24 - Pormenor da parte traseira (Génio da Vitória)  
Fonte: do autor



Figura 25 - Pormenor da base (Génio da Vitória)  
Fonte: do autor



**- Estátua do Bispo Alves Martins**



Figura 26 - Estátua do Bispo Alves Martins  
Fonte: do autor



Figura 27 - Pormenor da base (Bispo Alves Martins)  
Fonte: do autor



Figura 28 - Pormenor da perna (Bispo Alves Martins)  
Fonte: do autor

**- Estátua do Dr. Sousa Martins**



Figura 29 - Estátua do Dr. Sousa Martins  
Fonte: do autor



Figura 30 - Pormenor do manto e da base (Dr. Sousa Martins)  
Fonte: do autor



Figura 31 - Pormenor do manto (Dr. Sousa Martins)  
Fonte: do autor



Figura 32 - Pormenor do manto (fungos) (Dr. Sousa Martins)  
Fonte: do autor



Figura 33 - Pormenor da mão (Dr. Sousa Martins)  
Fonte: do autor



Figura 34 - Pormenor do pé e da base (Dr. Sousa Martins)  
Fonte: do autor

**- Estátua de Afonso de Albuquerque**



Figura 35 - Estátua de Afonso de Albuquerque  
Fonte: do autor



Figura 36 - Pormenor do pé e da base (Afonso de Albuquerque)  
Fonte: do autor



Figura 37 - Pormenor da base (Afonso de Albuquerque)  
Fonte: do autor



Figura 38 - Pormenor da base (fungos) (Afonso de Albuquerque)  
Fonte: do autor



Figura 39 - Pormenor do braço (Afonso de Albuquerque)  
Fonte: do autor



Figura 40 - Pormenor das armas (Afonso de Albuquerque)  
Fonte: do autor

**- Estátua de Joaquim Augusto Aguiar**



Figura 41 - Estátua de Joaquim Augusto de Aguiar  
Fonte: do autor



Figura 42 - Pormenor da base (Joaquim A. de Aguiar)  
Fonte: do autor



Figura 43 - Pormenor do casaco (fungos) (Joaquim A. de Aguiar)  
Fonte: do autor

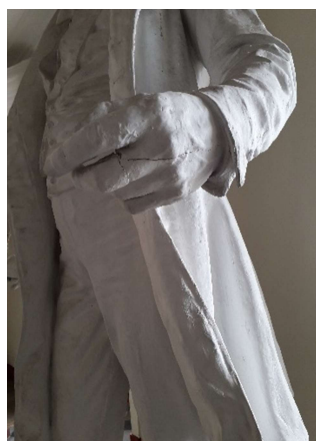


Figura 44 - Pormenor da mão I (António A. de Aguiar)  
Fonte: do autor



Figura 45 - Pormenor da mão II (António A. Aguiar)  
Fonte: do autor



Figura 46 - Pormenor da perna (António A. de Aguiar)  
Fonte: do autor



**- Estátua do Génio da Independência**



Figura 47 - Estátua do Génio da Independência  
Fonte: do autor



Figura 48 - Pormenor da perna (Génio da Independência)  
Fonte: do autor



Figura 49 - Pormenor da base I (Génio da Independência)  
Fonte: do autor



Figura 50 - Pormenor da base II (Génio da Independência)  
Fonte: do autor



Figura 51 - Pormenor da parte traseira I (Génio da Independência)  
Fonte: do autor



Figura 52 - Pormenor da parte traseira II (Génio da Independência)  
Fonte: do autor

**- Estátua da Figura da Vitória**



Figura 53 - Estátua da Figura da Vitória  
Fonte: do autor



Figura 54 - Pormenor do braço I (Figura da Vitória)  
Fonte: do autor

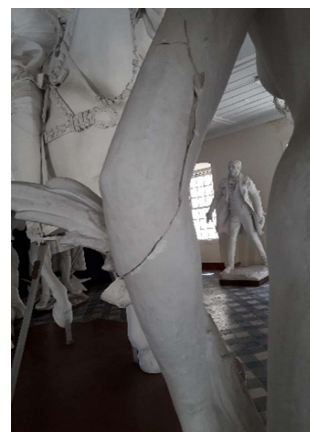


Figura 55 - Pormenor do braço II (Figura da Vitória)  
Fonte: do autor



Figura 56 - Pormenor da base (Figura da Vitória)  
Fonte: do autor

**- Estátua de Manuel Fernandes Tomás**

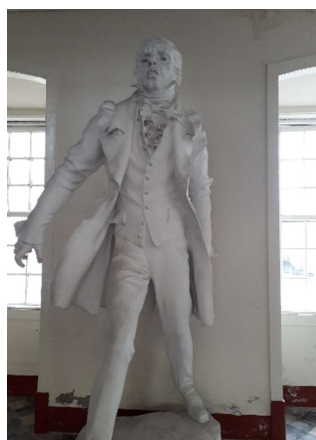


Figura 57- Estátua de Manuel Fernandes Tomás  
Fonte: do autor



Figura 58- Pormenor da parte de trás do casaco (Manuel F. Tomás)  
Fonte: do autor

ANEXO IV – Livro de registos nº 2 de 1884

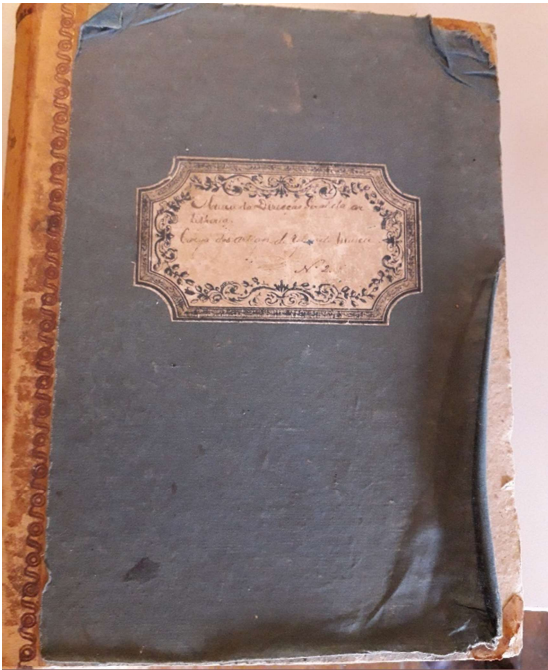


Figura 59 - Livro de registos de 1884  
Fonte: do autor

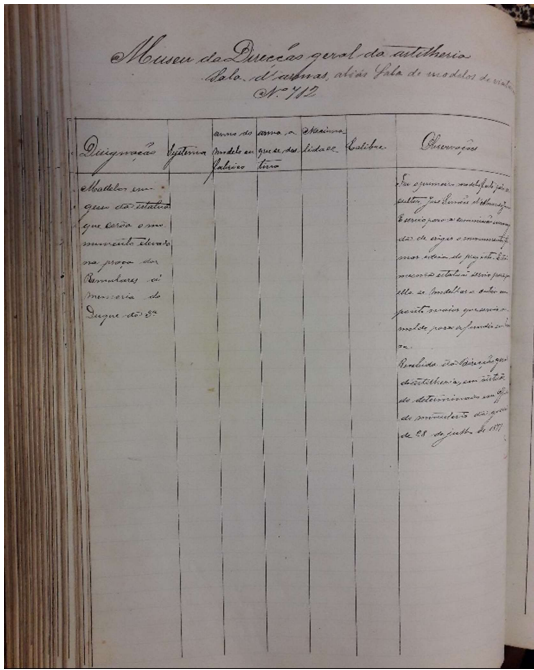


Figura 60 - Folha de registo da estátua do Duque da Terceira  
Fonte: do autor

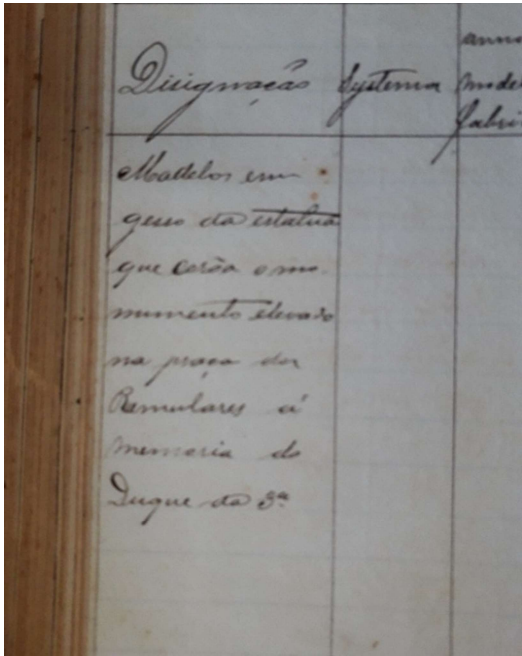


Figura 61 - Imagem da coluna "designação" da folha de registo da estátua do Duque da Terceira  
Fonte: do autor

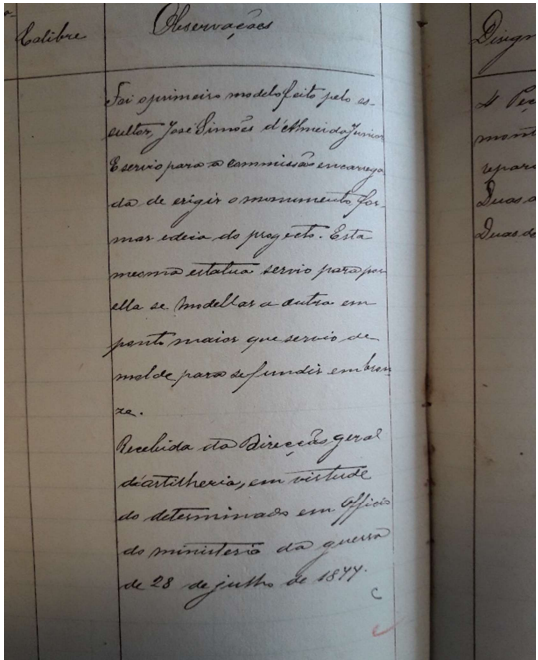


Figura 62 - Imagem da coluna "observações" da folha de registo da estátua do Duque da Terceira  
Fonte: do autor